

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

NATHALY MOREIRA ARAÚJO

EM BUSCA DO CORPO PERDIDO:

Um estudo fenomenológico sobre a corporeidade do ser-amputado

SÃO PAULO

2022

NATHALY MOREIRA ARAÚJO

EM BUSCA DO CORPO PERDIDO:

Um estudo fenomenológico sobre a corporeidade do ser-amputado

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde, como exigência
parcial para a graduação no curso de
Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, sob a
orientação da Professora Dr^a Luciana
Szymanski Ribeiro Gomes.

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

À, primeiramente professora, Luciana Szymanski, por me apresentar a fenomenologia com tanto amor e maestria no meu primeiro semestre de graduação; e, agora orientadora, por nestes últimos semestres me instigar à reflexão, dar contorno ao meu caminhar neste processo de pesquisa e sustentar o equilíbrio entre meus desejos de investidas e minhas angústias de desconstruções;

À professora Fabíola Freire, por me alimentar mais da fenomenologia e me inspirar na formação;

Ao professor Ricardo Radin, que sempre me deu abertura para uma palavra e um lugar mais;

Aos professores e professoras que comigo compartilharam seus saberes e práticas no decorrer de toda a graduação;

À minha família, que sempre me apoiou. Em especial, aos meus pais, Maria e Orli, que me desejaram corpo no mundo e sempre confiaram em minhas escolhas, e às minhas irmãs, Ana Carolina e Thaynara, por aceitarem minhas faltas e humores e rirem comigo;

Ao meu parceiro, André, por sempre me acompanhar e acolher, do início ao fim deste trabalho, me escutar, me amparar nos momentos de crise, me ajudar a me olhar e a acreditar cada vez mais em mim mesma;

Aos meus amigos. Em especial, à minha amiga-irmã, Monique, por compreender minhas ausências e sempre estar comigo;

À Honda e ao Carlitos, sem os quais esta produção não seria possível, por terem me conferido tamanha sinceridade e transmitido sua história, a partir da qual aprendi mais sobre o que é ser corpo e hoje me sinto diferente;

À FUNDASP, pela concessão da bolsa de estudo que me possibilitou percorrer esta graduação e chegar até esta tão esperada conclusão.

RESUMO

A partir de uma aproximação da literatura sobre corpo e existência, a autora fez ancoragem no pensamento fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty, mais especificamente em sua tese de doutorado intitulada “Fenomenologia da Percepção” (1945), para explorar, poética e cientificamente, o fenômeno da amputação. O presente estudo objetivou compreender esse fenômeno a partir da experiência de pessoas que o vivenciam, buscando desvelar a corporeidade do ser-amputado e evidenciar como esse corpo se expressa no mundo em sua totalidade, encontrando o corpo perdido e sua manifestação. Para tanto, a leitura e aproximação da experiência vivida se deram pela coleta de narrativas individuais de duas pessoas submetidas à amputação, o que levou a autora a explorar a entrevista fenomenológica como instrumento de pesquisa, na intenção de conhecer o fenômeno tal como ele se mostra e compor uma historiobiografia dos participantes, caminho metodológico cunhado por Dulce Critelli (2012). A análise consistiu na identificação de unidades de sentido que permitiram a formação de duas grandes constelações: “ser-amputado: corporeidade como identidade” e “ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado”, que teceram uma compreensão sobre o ser-amputado, não como falta, mas como potência, como variação da existência e como corpo completo.

Palavras-chave: amputação; corporeidade; fenomenologia da percepção; Maurice Merleau-Ponty.

*“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...*

*E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.*

*Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”*

*E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.*

Ouvir Estrelas – Olavo Bilac

SUMÁRIO

1 UM COMEÇO.....	6
1.1 A mão de Naoufel	6
1.2 Percurso literário.....	8
1.3 A fenomenologia da percepção e o corpo	11
1.4 Amputação e o membro fantasma.....	17
2 A QUE VEM ESSA BUSCA?.....	22
2.1 Objetivo geral.....	22
2.2 Objetivos específicos	22
3 BUSCANDO O CORPO PERDIDO	23
3.1 Dando voz ao corpo.....	24
3.2 Aproximação e análise do vivido	26
3.3 Os corpos buscados	29
3.4 Um mapa da busca.....	30
4. O CORPO QUE ENCONTREI.....	32
4.1 Honda: mulher motoqueira, não lagartixa	33
4.2 Carlitos: corpo trabalhador, corpo político	46
4.3 Ser-amputado: corporeidade como identidade	64
4.4 Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado.....	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO I.....	86
ANEXO II.....	88
ANEXO III.....	89

1 UM COMEÇO

Início este estudo trazendo a poética da corporeidade e dando voz a minha inquietação quanto a questão do corpo perdido. Inquietação essa que surgiu da experiência de sentir um filme impactante, mobilizador de afetos e de desejos de exploração. “J’ai Perdu Mon Corps” (Perdi meu corpo), animação francesa dirigida por Jérémy Clapin e premiada no festival de Cannes de 2019, é um filme que traça um paralelo entre os acontecimentos da vida de um rapaz que teve sua mão amputada e as aventuras da mão perdida que tenta se reconectar ao seu corpo.

Instigada pelo fenômeno da amputação, passo a uma busca bibliográfica sobre a temática, recorrendo não apenas ao fenômeno clínico e à literatura médica, mas às suas significações para a pessoa que o vivencia. Aproximo-me, então, da literatura sobre corpo e existência e faço ancoragem no pensamento fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty, mais especificamente em sua tese de doutorado intitulada “Fenomenologia da Percepção” (1945/2018).

Minha curiosidade ao longo de minha formação, de colocar em prática a investigação fenomenológica, me leva a explorar a atitude fenomenológica no método pensado para este estudo, buscando compreender o fenômeno tal como ele se mostra.

1.1 A mão de Naoufel

Afetada pela mão perdida de Naoufel, protagonista do filme “Perdi meu Corpo” (2019), fui invadida pelo questionamento da falta, das dessensibilizações, da saudade e do corpo perdido. Esse corpo perdido que, ao contrário do que muitos pensam, nunca fora silenciado, e continua a vagar pelas vias do mundo, em contínua manifestação de seu ser.

Ao ver o ser-amputado, não vejo um simples corpo sem uma parte, ou um simples corpo com uma parte substituída. Não vejo uma prótese como uma simples peça mecânica, nem o corpo somente como uma mecânica diferente daquela, com pele e cor. Quando observo o ser-amputado, em movimento e em expressão, percebo um corpo que É, em suas limitações e superações. Percebo um ser que é completo em sua totalidade humana enquanto ser-no-mundo. E justamente por vê-

lo completo, meus pensamentos vagam em busca de compreender onde está o corpo perdido. Lembro-me da mão de Naoufel ...

Meus pensamentos vagam em busca de onde este corpo perdido está
no corpo do ser-amputado.
de onde estas memórias estão
no corpo do ser-amputado.

Meus pensamentos vagam em busca de entender
como se faz completo o seu ser.

Quando busco o corpo perdido,
Não é sobre o corpo que foi enterrado
Sobre o corpo que foi cremado
Sobre o corpo que foi deixado no hospital

É sobre o corpo que constantemente vem ao ser
Sobre o corpo lembrado, desejado, amado
Sobre o corpo abandonado, negado, odiado
Sobre o corpo ferido, dolorido, amedrontado
Sobre o corpo perdido...
que, na verdade, está
aí.

Afinal, somos nossos corpos, da maneira singular com que eles se configuram e nos abrem ao mundo. É através desse corpo que sou que percebo e sou percebido, me faço, constantemente, em voltas e reviravoltas, presente-ausente no mundo. Não tenho, não detenho, sou. Sou corpo, meu eu, no mundo. É na minha experiência de ser corpo que conheço, que sinto, que me relaciono, que vejo, que toco, que caminho. Meu caminhar no mundo.

E quando me deparo com essa mão... determinada, corajosa, lançada em sua aventura, é que percebo algo que antes nunca percebi. Nunca tinha, em lugar nenhum de minha vida, visto um corpo perdido com vida. Talvez, por isso, nunca dantes essa dúvida bateu em minha porta: onde o corpo perdido está?

É pelo mover vivaz de uma mão personificada que me deparo com o que se revela a mim. Essa fantasia cinematográfica, na verdade, está em algum lugar nos amputados que vivem no mundo por aí. O que é que essa mão personifica? O que

é esse corpo perdido que busca se reconectar? Ele está dentro de ti Honda? E de ti Carlitos?

A palavra perdido, em minha leitura, pode ter duas significações: o de estado irremediável da perda, algo que não mais se obterá; e o de desorientação, algo desaparecido, que não se sabe onde está. A primeira diz respeito a remoção da parte do corpo, o corpo que nunca mais voltará. A segunda inscreve a possibilidade de um encontro, algo perdido pode ser achado. E é esse último aspecto que me instiga. O corpo que se perdeu, que não poderá ser costurado ou recolado em seu espaço vazio, está perdido em algum lugar, ainda se manifestando presente no corpo que venho investigar.

Enfim, me estranho nesse corpo que não sei o que é, nesse corpo transformado, não pela falta, mas pela presença de algo perdido, e tento me aproximar dessa vivência nas minhas trocas ao longo desta investigação, buscando, apenas, por compreensão.

1.2 Percurso literário

O estudo bibliográfico para desenvolvimento da temática da presente pesquisa deu-se pelo encontro de três revisões de literatura: Chini e Boemer (2002); Bergo e Prebianchi, (2018); e Garcia e Ribeiro (2019).

As primeiras autoras realizaram uma revisão de literatura de enfermagem. A partir da busca de artigos publicados de 1990 a 2000, Chini e Boemer (2002, p. 220) evidenciam a escassez de artigos sobre amputação e assistência de enfermagem a pacientes amputados. A abordagem dos poucos autores dos artigos encontrados discorre sobre a “autonomia-dependência e reabilitação dos pacientes idosos amputados” (p. 220). As autoras também evidenciam, em revisão de 1979 a 1997, uma produção reduzida na área de pós-graduação, abordando a importância da realização de estudos que busquem uma compreensão mais humanizada do fenômeno e considerem a vivência da própria pessoa amputada.

As segundas autoras construíram uma revisão de literatura de publicações de 2009 a 2014, “sobre os aspectos emocionais presentes na vida de pacientes submetidos à amputação de membros.” (BERGO; PREBIANCHI, 2018, p. 36). A revisão feita evidencia que a maioria dos estudos foca no processo operatório,

preparação prévia do paciente e vivência do momento da cirurgia. Na reduzida abrangência aos aspectos emocionais após a hospitalização (p.40), o que foi mais frequente foi o sofrimento causado pela perda de independência, de modo que apenas um estudo indicou a autoimagem, e não se tratou de pesquisa qualitativa.

Os estudos mencionados por elas que focam o trabalho da psicologia e intervenções no pós-operatório são internacionais e sediados em plataformas pagas, sendo apenas quatro de acesso livre (ITZPATRICK, 1999; PRICE e FISHER, 2002, 2005 e 2007). Esses, identificam e categorizam os estados emocionais, destacando as vulnerabilidades, complicações e manifestações de ansiedade, depressão e outras, e apontando o que é mobilizado pela amputação, assim como dificuldades na vida diária. Mesmo os estudos que abrangeram um longo período após a cirurgia, foram realizados com muitos sujeitos de maneira estruturada, apenas identificando as emoções, não desvelando os sentidos desse novo corpo e a nova forma de habitar o mundo. Esses estudos também apontam, no âmbito da intervenção, a prática de aconselhamento, mas enfocam a mensuração da adesão e efeitos da psicoterapia, sem abordar o trabalho de elaboração da perda e ressignificação do corpo.

Segundo Bergo e Prebianchi (2018), os resultados relativos à frequência de publicações revelaram que as pesquisas sobre o tema ainda são escassas, reforçando assim a importância da atuação da psicologia com as pessoas amputadas, principalmente nos programas de reabilitação.

A terceira e mais recente revisão de literatura encontrada foi o estudo de Garcia e Ribeiro (2019), que tomou por base o levantamento de abordagens qualitativas, priorizando estudos de caso e relatos clínicos acerca da amputação e psicologia. Seu trabalho abrangeu as causas, tipos, níveis e incidências da amputação, e os aspectos pessoais e psicossociais inerentes a ela. Essa segunda parte engloba impactos, dificuldades, aceitação e sentimentos vinculados à amputação. Sobre a especificidade da concepção de corpo, o que mais foi explanado pelos autores foi a questão da dor fantasma, apenas abordada como foco em três dos estudos referenciados, sendo que um deles não foi encontrado. De Benedetto, Forgione e Alves (2002) e Demidoff, Pacheco e Sholl-Franco (2007) discutem a temática em artigos de revisão, não trazendo a experiência vivida da

pessoa que sofre com a dor fantasma. Finalizando, Garcia e Ribeiro (2019) defendem o suporte da psicologia como imprescindível nesse contexto.

No geral, as buscas realizadas através desses três estudos de revisão ressaltaram o reduzido número de publicações sobre amputação e psicologia e a consequente demanda por novos estudos que contribuam com a atuação em equipe interdisciplinar para um olhar e atenção integral à pessoa amputada. Chini (2005, p. 31) observa “o crescente aumento no número de amputados, tanto por problemas vasculares, quanto por acidentes automobilísticos”, enfatizando a preocupação com a reabilitação desses pacientes.

Como mencionam Garcia e Ribeiro (2019, p.73), “tal experiência representa para o indivíduo uma espécie de sentença irrevogável, razão pela qual um trabalho pessoal de superação e busca de sentido se faz necessário”. Segundo eles, as limitações instauradas podem levar o sujeito a sentir-se tomado pela falta, não vislumbrando suas potencialidades. E, de acordo com o documento do Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) - em cartilha de diretrizes de atenção à pessoa amputada e de orientação às equipes multiprofissionais -, “o projeto terapêutico do paciente deve ser pactuado dentro da equipe multiprofissional” (p. 7).

Sendo assim, é parte do compromisso da psicologia atuar nesse contexto, abrir caminhos de compreensão e propiciar a condução do sujeito à sua nova condição, devolvendo-o ao seu corpo e às possibilidades que se apresentam a ele. O fenômeno da amputação deve ser compreendido por outros profissionais da área da saúde que não só psicólogos e fenomenólogos. Fazem parte dos cuidados de enfermagem não apenas as ações diretamente explícitas no corpo físico, como o alívio da dor e cicatrização da ferida, mas também a compreensão da percepção alterada, os incentivos ao autocuidado e superação da perda (CHINI, 2005, p. 31), podendo a psicologia contribuir com esses profissionais por meio de estudo e investigação. Além disso, a atuação não se dá apenas no contexto cirúrgico, mas também no cuidado posterior à pessoa submetida à amputação.

O papel da AB [Atenção Básica], porém, não se limita a ações de prevenção e de promoção. As pessoas que já realizaram a amputação também serão assistidas pelos profissionais da AB, que têm a função de oferecer o cuidado integral a esse usuário, que não deve ser considerado como uma pessoa amputada, apenas. Ela deve ser vista em sua integralidade, como um usuário que

apresenta necessidades de cuidado e de assistência para além do cuidado específico decorrente da amputação. (BRASIL, 2014, p. 29)

Considerando a importância desse aprofundamento e multidisciplinariedade, a presença da temática nas outras áreas de conhecimento foi contemplada no estudo bibliográfico, destacando-se uma perspectiva mais hospitalar e cirúrgica, nos estudos levantados que detinham uma escrita mais técnica. Quando contempladas as questões emocionais e vivenciais do sujeito, observou-se uma perspectiva que identificava e categorizava. Os poucos que explanavam, não revelaram, porém, um aprofundamento da percepção do ser sobre seu corpo em evidência.

Diante de todos os trabalhos consultados, os estudos que mais me chamaram a atenção para o interesse de pesquisa foram duas dissertações de mestrado que se configuraram como pesquisas qualitativas de referencial fenomenológico. A dissertação intitulada “A amputação sob uma perspectiva fenomenológica”, de Gislaine Cristina de Oliveira Chini (2005), da área da enfermagem, aproximou-me da concepção de corpo desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty, e inspirou o meu mergulho no estudo da corporeidade. O outro trabalho, intitulado “‘O corpo que habito’: possibilidades de compreensão para a experiência do corpo amputado”, de Jailton Bezerra Melo (2015), da área da psicologia e fenomenologia, reforçou a “escassez de estudos na área e a necessidade de contribuir para a atuação de psicólogos que trabalham em instituições hospitalares onde a amputação faz parte do cotidiano” (MELO, 2015, p.13) e me inspirou a percorrer a história do corpo e a me encontrar com pessoas amputadas, explorando a minha própria experiência de pesquisadora dentro do universo da tão carinhosamente chamada “fenô”.

1.3 A fenomenologia da percepção e o corpo

A fenomenologia é uma corrente de pensamento que surgiu no final do século XIX a partir dos trabalhos filosóficos de Edmund Husserl (1859 - 1938), em resposta à crise das ciências humanas no que diz respeito à sua maneira de abordar o ser humano e a verdade. Para Husserl o método das ciências naturais

não poderia ser replicado para as ciências humanas, tendo em vista a especificidade do objeto de estudo dessa última.

A visão cartesiana dominante à época é pautada na objetividade e na busca de uma verdade absoluta, de modo que o sujeito é visto separado do objeto, de maneira neutra e mecanicista. Descartes determina um ponto de apoio lógico, em que as ideias independem do sujeito e de seus sentidos, devendo-se colocar em dúvida tudo que advém desses meios e utilizar-se somente da razão. Peixoto (2012, p. 44), descreve: “Para o positivismo, o conhecimento verdadeiro é o conhecimento neutro, objetivo e empiricamente comprovado. É neutro porque o conhecimento, para ser considerado verdadeiro, não pode ter a influência da subjetividade.”.

A contribuição de Husserl, então, foi a de que a psicologia não deveria utilizar-se do método das ciências naturais, ignorando a subjetividade e a singularidade de seu objeto de estudo. Em sua construção, rompe com a separação sujeito-objeto e toma os fenômenos como se dão e não suas concepções, através do que chama de redução eidética, que é

o ato da consciência de voltar-se para o próprio fenômeno, e não para as suas interpretações. O que se propõe é descrever a essência ou a estrutura do fenômeno. Para isso, o procedimento é “ir-à-coisa-mesma”, revelar o seu estado primitivo, estado antepredicativo, ainda não tematizado. Com esse procedimento, Husserl quer mostrar-nos que a fenomenologia visa descrever o irrefletido, o mundo vivido, o mundo como tal, como ele é de fato, sem as mediações teóricas. Com a redução eidética, a preocupação é colocar a descoberto o ser da coisa, e não entendida como um mero etifenômeno (*sic*). (PEIXOTO, 2012, p. 44)

A redução eidética - também conhecida por redução ou suspensão fenomenológica, ou *epoché* -, portanto, ao promover não a supressão, mas a suspensão de todo conhecimento prévio ao conhecer um fenômeno, evita o aprisionamento da consciência e fortalece sua interação, pois, é na interação humana que há atribuição de sentido, não sendo passível de existência algo que não esteja nessa interação.

Juntamente ao conceito de redução eidética, Husserl desenvolve o conceito de intencionalidade trazido por Franz Brentano, atribuindo à toda consciência a

condição de ser consciência de alguma coisa, “consciência de”. Dessa forma, a consciência deixa de ser apenas uma substância passiva, e passa a ser entendida como uma atividade de dar sentido às coisas, o que faz o mundo aparecer.

A intencionalidade institui uma interação entre sujeito e objeto, o homem e o mundo, o pensamento e o ser, mostrando que todos os atos psíquicos, tudo o que acontece na mente, visam a um objeto, e nada ocorre no vazio. É por isso que Husserl afirma que ‘todo o estado de consciência em geral é, em si mesmo, consciência de qualquer coisa’. (HUSSERL, 1929/2001, p. 50 apud PEIXOTO, 2012, p. 45)

Intencionalidade não tem a ver com propósito/intenção, mas sim com direção, é um movimento ativo. Assim como a consciência sempre está direcionada a um objeto - não sendo passiva mas sempre atribuindo-lhe um sentido - o objeto, por sua vez, também só existe em seu aparecer para a consciência, para o sujeito. Sendo o fenômeno, então, aquilo que aparece.

A partir do momento em que há consciência, e para que haja consciência, é preciso que exista um algo do qual ela seja consciência, um objeto intencional, e ela só pode dirigir-se a este objeto enquanto se “irrealiza” e se lança nele, enquanto está inteira nesta referência a... algo, enquanto é um puro ato de significação. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 172)

Esses conceitos e formulações de Husserl foram de grande importância para o pensamento de seu seguidor Merleau-Ponty (1908 - 1961), filósofo que busca, a partir de então, uma compreensão da existência humana no mundo e propõe uma superação da dicotomia corpo/alma e elaboração da “intencionalidade ligada à carne”, como diz Cremasco (2009, p. 52).

Logo, enquanto a fenomenologia inicialmente proposta por Husserl busca o conhecimento dos atos intencionais da consciência e, reciprocamente, dos objetos que ela visa, a fenomenologia de Merleau-Ponty supera a intencionalidade como uma atividade da consciência e passa a entendê-la como movimento do corpo que é voltado para o mundo (PEIXOTO, 2012, p. 47).

Merleau-Ponty começa sua tese de doutorado, publicada em 1945 e intitulada “Fenomenologia da Percepção”, respondendo à questão: “O que é a fenomenologia?”. Para ele, “a fenomenologia é o estudo das essências” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 1), da essência da percepção, da consciência. Ao se

propositalmente relatar o mundo vivido, colocando em suspenso as afirmações da atitude natural, repõe as essências na existência, reencontrando o contato ingênuo com o mundo. Mesmo assim, Merleau-Ponty diz que essa pergunta ainda está longe de ser respondida, e a fenomenologia é ainda uma “tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” (2018, p.1), existindo como movimento, como método de compreensão, como modo de olhar, e não como uma teoria ou “inteira consciência filosófica” (2018, p.2).

Portanto, a fenomenologia trabalha a verdade compreensiva que se revela e desvela, nas aparições e nos encobrimentos, buscando essências e suas significações. Segundo ele, “buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.13).

O autor passa então para a “percepção”, entendendo-a não como um ato deliberado ou como uma ciência do mundo que é presumida verdadeira, mas sim “como acesso à verdade” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 14), onde todos os atos se pressupõem. “Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 13). Ao descer do mundo das ideias e tratar o mundo “em carne e osso” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 428), entende-se que ele atinge a nossa existência antes mesmo de ser pensado, ou seja, enquanto pré-reflexiva a percepção é “a forma originária e primeira do conhecimento” (CARMO, 2000, p. 41) e que está rigorosamente ligada àquele que percebe.

Assim, a percepção não é aquilo que acolhemos pelo olhar como ‘formas’ de conjuntos preexistentes. Ela tem sentido em função da subjetividade viva do ser que percebe &— do próprio corpo enquanto centro de perspectiva, da intencionalidade ‘carnal’ a que nos referimos, sentinela silenciosa de nossos atos. (CREMASCO, 2009, p. 52)

Ao manifestar que o ser tem consciência do mundo por meio de seu corpo, a questão do corpo torna-se central no pensamento de Merleau-Ponty.

Adentrando, então, à definição de corpo-próprio, Merleau-Ponty (2018, p.133) inicia com a diferenciação entre objeto e corpo. O objeto só é objeto se sua

ausência é possível, se é possível um distanciamento, um desaparecimento do campo visual e variações de perspectivas. O corpo, por sua vez, não é passível de desdobramentos sob o meu olhar, não está diante de mim e sim “existe *comigo*” (p. 134), na permanência do corpo próprio que “permanece à margem de todas as minhas percepções” (p.134), sendo impensável sua ausência ou variação.

Ao deixar de compreender o corpo apenas como objeto, como puramente material, Merleau-Ponty rompe com a concepção materialista/positivista e com a visão espiritualista, olhando para o corpo em sua totalidade. Descartes abordou dicotomicamente o corpo, ao sistematizar a separação pensamento (mente) e matéria (corpo) que há muito vinha sendo instaurada no pensamento filosófico, “trata o corpo como corpo-objeto, associado à ideia mecanicista do ser humano-máquina” (PEIXOTO, 2012, p. 46) e o dispensa de qualquer atividade de conhecimento e pensamento, já que suas sensações e percepções são errôneas aos conceitos únicos das coisas. Platão abordou a alma como eterna, pura e fonte da verdade, enquanto o corpo, mortal e impuro, era a fonte do erro (PEIXOTO, 2012, p. 46). Para Merleau-Ponty, entretanto, corpo e mente/alma estão constantemente em relação, e é nessa relação, no entre, que se busca o sentido.

Sendo assim eu não tenho um corpo, sou corpo. O corpo não é objeto de posse, a pessoa é corpo, que percebe e é percebido pelo mundo, não havendo assim separação entre corpo e subjetividade. Na compreensão do corpo como corporeidade, “a subjetividade coincide com os processos corporais” (PEIXOTO, 2012, p. 50), constituindo uma unidade que é doadora de sentido, meio de expressão, movimento e comunicação com o mundo.

O corpo não é um receptáculo passivo, é veículo do ser-no-mundo e do ser-com-o-outro. É por meio dele que os objetos existem, que se revelam, e que se dão as relações. O corpo tem, ele mesmo, o seu pensar:

Merleau-Ponty procura mostrar que o agir tem seu pensamento: o olho olhando, a mão gesticulando, a palavra falando, o pensamento pensando. Todos esses gestos não são meras repetições mecânicas, mas pensamentos em plena realização. (PEIXOTO, 2012, p. 48)

Deixando de ser mera mecânica biológica, não mais um objeto no mundo, o corpo é o meio de nossa comunicação, é expressão de sentidos. É pela experiência corporal que nos apropriamos do mundo e nos tornamos abertos às possibilidades

da vida. E a intencionalidade carnal está justamente na atividade dos movimentos do corpo, que o caracterizam como consciência enraizada:

Movo os objetos exteriores com o auxílio de meu próprio corpo que os pega em um lugar para conduzi-los a um outro. Mas ele, eu o movo diretamente, não o encontro em um ponto do espaço objetivo para levá-lo a um outro, não preciso procurá-lo, ele já está comigo — não preciso conduzi-lo em direção ao termo do movimento, ele o alcança desde o começo e é ele que se lança a este termo. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 138)

Logo, não se fala apenas de uma intencionalidade da consciência, mas de uma consciência de algo por intermédio do corpo. O movimento corporal, a experiência motora, não é apenas um caso particular de conhecimento, uma atividade ordenada pela consciência, mas é a maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto, é o corpo que faz as coisas existirem, que projeta significações no exterior. “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 203).

Compreendendo o ser como corpo na concepção trazida até então, vale passar à exploração de sua espacialidade. O corpo não é um conjunto de partes desdobradas uma ao lado da outra, mas um esquema corporal indiviso em que todas as partes estão em envolvimento (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 143). Como traduz Carmo (2000, p. 41), “nossas sensações se dão numa configuração global: ver é tocar, ouvir é ver, tocar é ver. Há uma unidade dos sentidos; eles se comunicam”. O esquema corporal não é entendido apenas como associações de imagens adquiridas com a experiência, nem como uma forma, mas como uma dinâmica e uma maneira de exprimir que o corpo está no mundo. A espacialidade do corpo tem um sentido próprio e distinto da espacialidade objetiva, não sendo uma “*espacialidade de posição*”, mas uma “*espacialidade de situação*” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 146), pois é na ação que a espacialidade do corpo se realiza, o corpo vive o espaço, situa-se nele, e não só o ocupa enquanto proporções e dimensões. É por meio da corporeidade que os espaços têm sentido, que o mundo é compartilhado e percebido nos encontros e desencontros, a partir de um lugar que se olha.

Neste sentido, o mundo enquanto espaço é o onde no qual o ser humano acontece, existe, é. As dimensões espaciais – como profundidade, orientação, distância, altura e outras - são

percebidas por um alguém a partir de sua presença neste espaço, e por este alguém ser corpo, é que estas dimensões são possíveis de serem percebidas. Sem um “alguém” estas dimensões do espaço simplesmente não existem, pois elas só são possíveis ao olhar de alguém que vê. (LOURIDO, 2017, p. 39)

Da mesma forma se dá com o tempo. O corpo não está no espaço e no tempo, assim como não os pensa, mas é no espaço e no tempo, “ele habita o espaço e o tempo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 193). O que significa dizer que existe uma presença e extensão afetivas que não se reduzem à objetividade. Uma pessoa que teve um membro amputado, ainda pode o sentir a despeito de seus pontos sensoriais, sentem o espaço de seu membro como estranho, mesmo ele não estando mais ali objetivamente. A espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 206). Merleau-Ponty traz o exemplo do membro fantasma ao longo de sua obra. Para tanto, sigamos com alguns referenciais para desenvolver a leitura sobre o fenômeno da amputação.

1.4 Amputação e o membro fantasma

O termo amputação designa “a retirada total ou parcial de um membro, sendo este um método de tratamento para diversas doenças.” (BRASIL, 2014, p. 7). Segundo Chini e Boemer (2007), “a amputação é o mais antigo de todos os procedimentos cirúrgicos e, durante muito tempo, representou a única possibilidade cirúrgica para o homem” (p. 2), além de ser usada em algumas sociedades antigas como forma de punição, divina ou civil.

A amputação de uma extremidade pode se dar tanto por transcorrências clínicas (doenças vasculares, ulcerações por diabetes, deformidades, tumores, infecções) quanto por traumatismos graves (acidentes automobilísticos, armas de fogo e acidentes de trabalho). Segundo Chini (2005, p. 20), doença vascular periférica progressiva é a causa mais comum da amputação e “traumatismos graves com esmagamento e comprometimento das partes moles (quando não mais se encontra resultado com a utilização de outras medidas terapêuticas) – constituem-se na segunda causa mais frequente de amputações” (p.21).

Segundo Bergo e Prebianchi (2018, p. 34), “no Brasil, não existe estatística precisa referente ao número de amputações realizadas por ano, mas sabe-se que, em 2011, cerca de 94% das amputações feitas pelo SUS foram no membro inferior (Ministério da Saúde, 2013)”. A estimativa mais recente encontrada quanto ao quadro total é a mencionada no estudo de Garcia e Ribeiro (2019, p.72): “no contexto nacional, segundo os dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), a incidência de amputações é estimada em torno de 13,9 por 100.000 habitantes/ano”. Um dado alarmante é a preocupação com diabéticos e sua mortalidade:

O status econômico e a inacessibilidade aos serviços de saúde, para pacientes diabéticos, representam elevada probabilidade de amputação, sendo a taxa de hospitalização recorrente estimada em 50% nos primeiros três anos pós-amputação e a taxa de mortalidade quatro vezes maior que para pacientes diabéticos não amputados. (CHINI, 2005, p. 27)

Não foram encontradas estatísticas quanto a ocorrência e persistência do membro fantasma, termo usado para referir a percepção de presença do membro que foi amputado. Ao discorrer sobre o membro fantasma, Merleau-Ponty torna claro que a compreensão do fenômeno não é uma simples mistura entre os determinantes psíquicos e as condições fisiológicas. Segundo ele, a fisiologia moderna entende o fenômeno como efeito de causalidade - persistência das estimulações interoceptivas, uma representação que não deveria ser dada, já que o membro correspondente não está mais ali -, e a explicação psicológica relaciona o membro à história pessoal do doente, emoções ou vontades - uma recordação (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 116). Se assim fosse articulado, mais uma vez se recorreria a dicotomização e naturalização do fenômeno, sem sair das categorias do mundo objetivo. Como colocam Chini e Boemer, “partindo dessas explicações objetivas e mecanicistas, fisiológicas e/ou psicológicas, fixando somente nelas, reduzir-se-ia muito a dimensão existencial do fenômeno membro fantasma e sua importância para o paciente amputado” (CHINI; BOEMER, 2007, p. 6).

Sendo assim, para Merleau-Ponty, esse fenômeno é compreensível “na perspectiva do ser no mundo” (2018, p. 121). A recusa da mutilação não é uma decisão deliberada, elaborada no plano de uma consciência tética, não sendo a vontade de ter o corpo perdido da ordem do pensar autônomo. Mas,

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um Eu engajado em um certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações, e que, nessa medida, não as reconhece *de jure*. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 121)

O que permite compreender a síntese geral do corpo próprio é o que Merleau-Ponty denominou hábito. O hábito não é um pensamento, nem o funcionamento de um corpo objetivo, mas a apreensão motora e perceptiva que o corpo que media o mundo constantemente realiza. A cada nova significação, ou núcleo de significação, que o corpo assimila/compreende, adquire-se o hábito.

Se o hábito não é nem um conhecimento nem um automatismo, o que é então? Trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva. O sujeito sabe onde estão as letras no teclado, assim como sabemos onde está um de nossos membros, por um saber de familiaridade que não nos oferece uma posição no espaço objetivo. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 199)

O sujeito “durante toda a sua vida constituiu um esquema corporal, isto é, um conjunto de significações encarnadas no seu próprio corpo.” (SILVEIRA, 2012, p. 35). Ao confrontar-se com uma situação nova que limita aquilo que até então exercia no mundo, a aquisição do hábito se dará numa renovação do esquema corporal.

A cada instante de um movimento, o instante precedente não é ignorado, mas está como que encaixado no presente, e a percepção presente consiste em suma em reaprender, apoiando-se na posição atual, a série das posições anteriores que se envolvem umas às outras. Mas a própria posição iminente está envolvida no presente, e através dela todas as que advirão até o termo do movimento. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 194)

Assim segue-se a reabilitação do sujeito submetido à amputação, seu processo de elaboração e superação. Como Santana (2000) coloca, “se o meu corpo é o veículo no mundo, então, a ausência de uma parte do corpo ainda é uma presença na sua comunicação com esse mesmo mundo.” (p. 96). A espacialidade do corpo se realiza na ação e é através da análise da comunicação dessa corporeidade que poderemos melhor compreender o esquema corporal da pessoa amputada. Minha inquietação não se fez contemplada na busca de literatura. Algo

estava em falta sobre a compreensão desse fenômeno como vivido pela pessoa submetida à amputação.

Quando Merleau-Ponty diz que “trata-se de um saber que está nas mãos” (2018, p. 99), lembro-me da mão de Naoufel, que não se decide despedir-se, mas retorna querendo viver o mesmo presente de seu corpo. É nessa poética fantasiosa que pensamos o corpo enquanto consciência enraizada. A mão de Naoufel, que busca de volta o seu corpo e é recheada de todas as suas memórias, não se fez descrita nas publicações que li. Ainda é preciso desvelar o oculto do corpo perdido. Mesmo que algumas das pesquisas me trouxessem o referencial de Merleau-Ponty, nenhuma delas me trouxe a compreensão da memória corporal pelo relato do ser e de seu mundo vivido. Assim como a mão de Naoufel carrega um saber, memórias e ações, quero saber como estão essas memórias no corpo amputado que se faz completo mesmo assim. Quero saber onde está o corpo perdido, onde ele se encontra na completude do ser. Aqui usamos a palavra perdido em sua significação do que pode ser achado. O membro físico foi perdido, não retornará mais, mas o membro amputado enquanto corporeidade está perdido e quero encontrá-lo, trazer sua revelação na compreensão do ser amputado. Onde está esse corpo perdido? Invisível no corpo próprio? Onde está nas memórias do sujeito?

Chini (2005), acompanhou, no hospital, sujeitos do pré-operatório até a alta. As sensações do membro fantasma, observadas por Chini, ainda se fazem presentes anos após a cirurgia de amputação? No presente estudo, pretendo focar-me nos anos seguintes a esse recorte, buscando conhecer e escutar os sentidos de um corpo que se expressa numa nova vivência, uma pessoa amputada que agora lida com suas memórias em sua nova variação de ser, e manifesta sua percepção do tempo vivido. O presente estudo não desconsidera o pré-operatório e a vivência da cirurgia, mas foca sua leitura na compreensão de ser amputado. Quanto a essa leitura, não buscarei somente compreender o fenômeno tal como essa pessoa o vive em suas dificuldades diárias, as implicações sociais e os efeitos emocionais em sua vida – como abordado por alguns dos estudos encontrados -, mas a relação da pessoa amputada com o corpo que é, para justamente contribuir com aqueles que são invadidos pelo fantasma e não por sua perda, assim como contribuir com o trabalho dos psicólogos para a ressignificação desse corpo e de outros profissionais da saúde na reabilitação desses pacientes.

O presente estudo, portanto, objetiva desvelar a corporeidade do ser-amputado sob a perspectiva das pessoas que vivenciam o fenômeno da amputação, evidenciando a seguinte questão: como o corpo do ser-amputado se expressa no mundo em sua totalidade?

2 A QUE VEM ESSA BUSCA?

2.1 Objetivo geral

Investigar como uma pessoa submetida à amputação percebe esse fenômeno e sua própria existência corpórea, desvelando a essência do corpo perdido - onde ele está, como se manifesta, como se dão o seu desligamento ou religamento, as suas memórias corporais e a renovação do esquema corporal.

2.2 Objetivos específicos

Para desvelar a corporeidade do ser-amputado, busca-se compreender:

- se, e como, o membro amputado deixa de ser um fantasma e passa a ser ressignificado no esquema corporal do sujeito;
- a relação do sujeito com o seu corpo amputado;
- como o corpo amputado se expressa no mundo e com os outros.

3 BUSCANDO O CORPO PERDIDO

Pautado no pensamento de Merleau-Ponty sobre corpo e em sua obra “Fenomenologia da percepção” (1945/2018), o presente estudo buscou compreender a corporeidade do ser-amputado a partir de uma investigação fenomenológica.

Por meio do levantamento bibliográfico das produções sobre amputação e outros contornos do tema, assim como da busca de referenciais e conexões da fenomenologia com outras áreas de conhecimento, como a enfermagem, desfrutou-se de trabalhos que auxiliaram na ampliação do olhar para o contato com o fenômeno investigado e sua rede de significados.

A fenomenologia é definida como método, modo de olhar, procedimento qualitativo de investigação aplicável em diversos campos, ou seja, não restrito à clínica, à medida que consiste na compreensão do fenômeno tal como ele se mostra em si mesmo, como manifestado pelo próprio sujeito. Sem a pretensão de explicar, mensurar ou tratar com exatidão, o rigor fenomenológico está na preocupação em revelar a essência do fenômeno, em retornar à coisa mesma, ou seja, descrevê-lo e possibilitar o aparecimento do que é essencial no acidental.

A fenomenologia como ciência eidética que se ocupa da descrição das vivências, dos atos e correlatos da consciência é, por natureza, inexata. A sua preocupação é com o rigor, com a fidelidade ao real, superando os preconceitos, as aparências, o imediatismo. (PEIXOTO, 2012, p. 44)

Logo, abandonando, junto à Edmund Husserl, o positivismo e a crença de que todo conhecimento precisa ser neutro para ser científico, o presente estudo se propõe a investigar ativamente e em diálogo as percepções e verdades do sujeito que se visa conhecer. A concepção de verdade aqui trabalhada não se propõe a ser única, universal e atemporal, o que não significa que não há rigor no método a ser utilizado. O rigor está em revelar uma verdade relativa a alguém, de buscar o próprio mundo, as próprias pessoas, os próprios corpos para que se mostrem por si mesmos, superando o que se sabe sobre esses mundos e sobre a amputação a partir de uma postura crítica e resistente. Como defende Magalhães (2021, p. 49), “em uma pesquisa de orientação fenomenológica, indagar homens sobre quais são,

para eles, os sentidos de ser homem é indagar como vivem e quem são. Nada poderia ser mais verdadeiro do que o conteúdo de suas próprias falas.”.

O que os participantes trouxeram, portanto, é parte de sua experiência, que engloba o ser e o seu mundo. Respeitando a inseparabilidade desses, os resultados desta pesquisa não são passíveis de generalização. Trata-se aqui da totalidade que cada sujeito traz em sua participação - ainda que essa se mostre e se oculte, circuito que pertence a todos os humanos – “e não de uma parcela de entendimento que poderia ser replicada em outros casos.” (MAGALHÃES, 2021, p. 49). Dessa forma, ao buscar o sentido que se abriu nos encontros realizados nesta pesquisa, se compreendeu uma perspectiva, um ponto de vista dentre outras possibilidades, e buscou-se o invariável do fenômeno da amputação, ou seja, sua condição de existência, essência, dentro da singularidade de cada ser. Essa busca deu-se dando voz aos corpos amputados.

3.1 Dando voz ao corpo

A leitura e aproximação da experiência vivida se deu pela coleta de narrativas individuais de pessoas submetidas à amputação, em que “o sentido imediato é aquele que o homem faz surgir na sua relação com o mundo e os outros homens” (CREMASCO, 2009, p. 53).

Metodologicamente indagamos ao fenômeno: “o que é isto?” Pois o significado não está aqui, nem lá, mas nessa relação que permite que o significado apareça, que o fenômeno se revele. Por isso dizemos “ir-à-coisa-mesma”, numa revelação eidética daquilo que se mostra à uma consciência intencional. Daí aponta-se para a possibilidade vivencial de conhecer o corpo, ou seja, habitá-lo numa existência (Dasein) é a possibilidade primeira de ir ao encontro do que se revelará como essência, não transcendental, mas existencial. (CREMASCO, 2009, p. 53)

Uma observação direta do sujeito se restringe ao que está sendo desempenhado naquele ambiente social, naquele instante, o que oculta muitas outras características que também o constituem. A narrativa, além de permitir o contato com diferentes momentos, personagens e ambientes, possibilita compreender o sentido que o próprio sujeito atribui às suas experiências e, assim,

o desvelamento do fenômeno. Como coloca Merleau-Ponty (2018), “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia.” (p. 19).

A fala tem uma “significação existencial” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 248), ela não é o invólucro ou tradução do pensamento, ela é a existência exterior do sentido, “ela sempre transcende o que inicialmente tencionávamos dizer, ela se agrupa e reagrupa numa ‘lógica própria’” (MELO, F. 2008, p. 45). Permitir que o sujeito fale é deixar que ele se revele por ele mesmo. Sentido e fala estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala e a fala é um dos movimentos possíveis do corpo, um corpo que fala.

Sempre observaram que o gesto ou a fala transfiguravam o corpo, mas contentavam-se em dizer que eles desenvolviam ou manifestavam uma outra potência, pensamento ou alma. Não se via que, para poder exprimi-lo, em última análise o corpo precisa tornar-se o pensamento ou a intenção que ele nos significa. É ele que mostra, ele que fala (...). (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 267)

Portanto, através da linguagem se pode conhecer o corpo que se expressa, de modo que o presente estudo utilizou a entrevista reflexiva como instrumento para prosseguir com o caminho metodológico nomeado “historiobiografia” por Dulce Critelli (2012). Segundo a autora, o que interessa à historiobiografia é recuperar a “história da história pessoal através das narrativas nas quais os indivíduos, plurais e singulares, condicionaram, preservaram, salvaram e projetaram sua existência pessoal e seu destino e na qual escreveram o sentido da vida.” (p. 101). Através da historiobiografia, exploro meu entendimento da história pessoal desse corpo que me fala, que se conta a mim e que transmite a sua experiência, possibilitando a redescoberta do sentido de ser-amputado. A escolha pela narrativa deu-se então pela urgência de se buscar o corpo perdido, trazê-lo de volta e deixar que aparecesse através de uma contação do próprio corpo.

Aqui justifica-se o título deste trabalho. Quando indagamos pelo corpo perdido, não estamos procurando o membro físico que foi amputado, estamos clamando pelo corpo que a ciência afastou de nós - conforme veremos adiante -, a corporeidade que se perdeu ao longo da história, no esquecimento e submissão de nossos corpos. Em sua dissertação de mestrado, Jailton Melo (2015) faz uma retratação histórica do corpo, evidenciando que o seu sentido foi, por muito tempo,

determinado pela igreja e por uma ciência objetificante, que ora o revelava, ora o oprimia, de modo que não se encontrava o espaço de o sentido do corpo ser atribuído pela experiência de quem o vive. Ademais, ele coloca que, com os avanços da arte, anatomia e medicina, “o corpo passa a ser visto pela limitação de uma representação da imagem anatômica: as partes do corpo são responsáveis por tais finalidades e, juntas, formam um ‘corpo humano’.” (MELO, J. 2015, p. 24). É em decorrência dessa materialização e ocultamento dos sentidos de ser corpo que se encontra um apelo a pensar, a saber e conhecer.

Desaprendemos a conviver com a realidade corpórea e a aprender partindo da reversibilidade dos sentidos, privilegiamos a razão sem corpo, no entanto a percepção, compreendida como um acontecimento da motricidade, pode resgatar esse saber. (NÓBREGA, 2005, p. 608 apud LOURIDO, 2017, p. 30)

É, então, compromisso deste trabalho resgatar um pouco do que se manteve oculto, no esquecimento, e foi esvaziado. Junto à Merleau-Ponty, reabilitar o corpo que foi relegado pela filosofia clássica e reconhecê-lo como fundamentação para todo o conhecimento (CARMO, 2000, p. 82). E, para não recair na ordem do intelecto, convidei os corpos a narrarem suas histórias de vida e reconheci a corporeidade como lugar do verbo e de denúncia do afastamento produzido ao seu vivido, aproximando-me deles.

3.2 Aproximação e análise do vivido

A partir das narrativas e na intenção do desvelamento, sigo minha investigação angariando aos fundamentos da fenomenologia os da hermenêutica Gadameriana, assim como exposto por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019), para interpretar o fenômeno. A hermenêutica Gadameriana diz respeito justamente a essa preocupação de compreender e traduzir uma experiência tão particular a alguém para outras pessoas, decifrando os sentidos ocultos para além do aparente e literal, o que chama interpretação.

Esse processo inicia-se já na transcrição do material coletado, onde é feita uma primeira leitura e algumas falas já se ressaltam aos olhos da pesquisadora. O primeiro momento com o texto transcrito é esse onde me deixo afetar pelo que aparece. “O sentido da leitura flutuante é este: numa primeira ‘escuta’, deixar

emergirem projetos de sentido que dizem respeito à intenção do texto” (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 15). As narrativas dos depoentes foram lidas integralmente, com o objetivo de familiarizar-se com o todo e aproximar-se da experiência vivida, com o cuidado de suspender qualquer teoria ou concepção prévia sobre a condição de amputado, exercendo a redução fenomenológica.

A suspensão aqui não significa ignorar, mas implica identificar nossas concepções prévias àquela experiência, reconhecê-las, para então nos afastarmos delas e nos atentarmos, não ao que já nos pertencia enquanto compreensão, mas ao que percebemos na nossa relação com o sujeito. Para tanto, me lancei em interrogações.

Esse cuidado constitui o rigor que pauta o trabalho hermenêutico. Como nos lembra o autor, perguntar é mais difícil do que responder, e quem quiser compreender o texto deve estar preparado para que o texto lhe diga algo. A pergunta deve ter um sentido, colocar possibilidades e mantê-las em aberto. (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 16)

Apesar da atitude de suspender, eu não me separo do que sei e sou, “como aponta Merleau-Ponty (2015), este afastamento não pode ser completo, tendo em vista a condição humana de estarmos constante e fundamentalmente entrelaçadas com o mundo” (LOURIDO, 2017, p. 54). Sendo assim, o obtido refere-se ao que se mostrou à pesquisadora, em relação a pergunta que advém de uma inquietação dela mesma, naquele momento. O fenômeno não só se mostra para quem pesquisa através da entrevista, como a própria entrevista configura-se como um fenômeno.

Neste sentido, a descrição revela seu caráter intencional, é o encontro do pesquisador com o mostrar-se do fenômeno; é um encontro único, pois o ser do pesquisador é único, e o modo de mostrar-se daquele fenômeno naquele momento é igualmente único. (LOURIDO, 2017, p. 64)

Chegamos, então, a minha participação ativa nessa conarração da história do sujeito. Como coloca Magalhães (2021, p. 56), “é inevitável a um pesquisador estar vivendo a pesquisa”. Narrar histórias, implica um ouvinte que as testemunhe, que escute e interaja na atribuição de sentido, vivendo-as em comunhão. A pesquisadora faz parte do que ela interroga, a neutralidade não é, inerentemente, uma qualidade humana. “Ao homem, são-lhe dados o poder, a possibilidade de

compreender” (CRITELLI, 1996, p. 63). Foi a minha condição de abertura para o novo e diferente, minha singularidade naquele momento e lugar, que recepcionou o fenômeno. E, para realizar essas reflexões, foi essencial fazer uso do diário de bordo.

O diário de bordo é um recurso fundamental para o pesquisador fenomenólogo, em que pode anotar e refletir sentimentos, pensamentos, inquietações e impressões que serão importantes para identificar pré-conceitos e tecer uma compreensão sobre o vivido na pesquisa e em contato com o fenômeno. É um lugar de rever e revelar. “Por permitir ‘uma espécie de observação fenomenológica de si mesmo’, e por traduzir ‘a experiência pré-reflexiva da pesquisa, é que podemos chamá-lo [diário de bordo] de ferramenta fenomenológica’ (Machado, 2002:261).” (MELO, F. 2008, p. 28).

A partir de todo esse exposto, reúno todos esses elementos num quadro de análise, a modelo do construído por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019, p. 17). O movimento dialógico que se deu na análise das narrativas consistiu em realizar uma conversação com a entrevista a partir da seleção de falas dos entrevistados, elaboração de interrogações de sentido dessas falas, escrita de possíveis respostas às interrogações elaboradas e então registro de minhas impressões feitas em diário de bordo e ampliadas no processo circular de compreensão (círculo hermenêutico de Gadamer). “O trânsito entre as partes e o todo, assim como a interrogação metódica pelo sentido em todos os momentos da análise, possibilita a contínua revisão de projetos prévios de compreensão.” (SZYMANSKI; SZYMANSKI; FACHIM, 2019, p. 22).

Após consistentes revisitações, iniciei o meu processo de nomeação de unidades de sentido, ou seja, reunirão de falas sobre uma mesma vivência. Esses conteúdos de análise foram organizados a partir do princípio de Constelações, proposto pelos autores mencionados. Formadas essas constelações, passou-se ao diálogo com o pensamento de Merleau-Ponty, tecendo uma compreensão do fenômeno revelado junto às reflexões estudadas sobre o já produzido na área, não de maneira a transpor os fundamentos filosóficos para os resultados, mas sim compreender o fenômeno da amputação em sua amplitude e existência. É nessa análise que será feita a extração do que é essencial na vivência singular dos corpos buscados.

3.3 Os corpos buscados

Importa aqui descrever como se deu o contato com os participantes da pesquisa. Diante do exposto até o momento, destaca-se a “Amostra Intencional” como caminho para se chegar aos participantes, pois trata-se de “um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto” (THIOLLENT, 1986, p. 62 apud MELO, J. 2015, p. 59). Por relevância para o fenômeno estudado, entende-se pessoas que foram submetidas à amputação. Como critério de inclusão para o andamento da pesquisa, foi adotado ter entre 20 e 60 anos e estar na condição de amputado há pelo menos 1 ano, não sendo feita diferenciação de sexo/gênero. Como critério de exclusão, adotou-se pessoas que não apresentaram tais características.

Essa escolha de faixa etária foi pensada com o intuito de se chegar o mais próximo possível da experiência que a amputação reverbera no corpo habitual, minimizando a confluência com outras transformações corporais, como acontecem na infância – um corpo ainda em descoberta no mundo -, na adolescência – momento de grandes transformações fisiológicas - e na velhice – limitações físicas oriundas do tempo (MELO, J. 2015, p. 59).

O critério de pessoas que estão na condição de amputadas há pelo menos 1 ano corresponde ao traçado na introdução deste estudo, ou seja, no foco por compreender um corpo que se expressa numa nova vivência, uma pessoa que agora lida com suas memórias em sua nova variação de ser, e manifesta sua percepção do tempo vivido, tendo em vista que a reabilitação leva geralmente 6 meses e podemos contar com esse período excedente para esperar que toda adaptação à prótese e/ou às novas experiências aconteçam propriamente. O presente estudo não desconsidera o pré-operatório e a vivência da cirurgia, mas foca sua leitura na compreensão de ser amputado e de conhecer se as sensações do membro fantasma ainda se fazem presentes, como se dá a relação com o corpo perdido e a expressão corporal após toda essa situação clínica. Entende-se também que essa longitude garante a minimização dos riscos da pesquisa, ao inferir-se que esse sujeito já está mais apropriado de sua condição, e com uma perspectiva mais concretizada de luto e aceitação, assim como, já tendo passado

por esse período inicial de reabilitação, poderá contribuir significativamente com a elucidação sobre como ele acontece e como se dá a relação com o corpo perdido nesse processo.

O convite aos participantes do estudo foi realizado diretamente em contato com eles. As pessoas incluídas nos critérios estabelecidos foram encontradas a partir de divulgação em rede sociais, pois assim foram alcançadas pessoas que tinham interesse.

Para aprofundamento dos dados coletados e qualidade da análise da narrativa, esse método abandona a preocupação com a quantidade de sujeitos e generalização dos dados. Com a capacidade da pesquisadora de trabalhar a narrativa, e estando ela disposta a despir-se de preconceitos e a aprender com o narrador munindo-se de uma escuta preparada para acompanhar o vivido, o estudo de caso individual é totalmente viável, pois na singularidade está contida a essência do fenômeno. Como Fabíola Melo (2008, p. 18) coloca, esse modo de olhar “propõe descrever a experiência humana apreendida por um pesquisador que explicita um ponto de vista possível sobre o fenômeno estudado.” Alcançados os sujeitos, deu-se início ao procedimento de investigação explicado neste método e resumido a seguir.

3.4 Um mapa da busca

A entrevista fenomenológica narrativa e o diário de bordo foram utilizados como caminho para o contato com a historiobiografia do ser que é corpo e para o desvelamento do fenômeno da amputação. Esses instrumentos se mostraram como possibilidades de convidar os participantes a narrarem suas histórias e experiências corporais.

Inicialmente, foram apresentados os objetivos da pesquisa e esclarecidas todas as dúvidas, de modo a garantir o entendimento sobre o estudo e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (disponível no anexo I). Esta pesquisa respeitou os procedimentos éticos previstos na Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que são direcionados às pesquisas com seres humanos, e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com o registro CAAE 52838721.3.0000.5482.

A entrevista fenomenológica não estruturada, ou seja, sem roteiro, aconteceu pelo convite à narrativa do sujeito, que foi disparada pelo pedido “Conte-me a sua história”, partindo-se do embasamento de que, a partir de uma historiobiografia, pode-se caminhar para um norteamento que me aproxime da história do ser corpo e das questões “qual a sua relação com o seu corpo amputado?” e “como você experiencia ser um corpo amputado?”.

Importa destacar que este estudo foi realizado durante a pandemia da COVID-19. Apesar de contextualizado em um momento de maior flexibilidade das medidas de isolamento social após início da vacinação, a pesquisadora realizou o procedimento ético de possibilitar aos sujeitos a escolha da forma de realização da pesquisa (presencial ou remota), de modo que se sentissem mais confortáveis. Perante escolha pelo modelo remoto, os participantes também foram questionados sobre a plataforma mais simples e de melhor acesso para eles, assim como se gostariam de aparecer em vídeo ou apenas áudio.

Os encontros, então, foram realizados remotamente, durante os quais as narrativas individuais foram gravadas em vídeo, com a autorização dos participantes expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Outro cuidado ético tomado foi a preservação da identidade dos participantes, através do uso de nomes fictícios.

Após essa primeira etapa de coleta, todo o material gravado foi transcrito literal e integralmente. Essa transcrição foi devolvida ao depoente, para que ele realizasse modificações ou complementos e autenticasse o narrado. A partir da releitura, a transcrição foi literalizada, ou seja, formatada como textos compreensivos por meio do quadro de análise desenvolvido. Por fim, passou-se à análise das narrativas - de acordo com a metodologia exposta anteriormente -, a qual se segue adiante.

4. O CORPO QUE ENCONTREI

Mas, na verdade, o filme não é sobre a mão decepada, é sobre o resto do corpo. E é sobre nós, na verdade, sabe, como... O que é ser humano? O que é experimentar a vida quando você está vivendo no presente preso entre seu passado, seu futuro? E o filme é sobre essa busca existencial. É sobre amor, perda. Então, há tudo dentro da história, mas como você pode dizer isso numa apresentação curta, com uma mão decepada e um título como “Perdi meu corpo”?

(Jeremy Clapin, 2020, tradução nossa)

A adequação da questão norteadora, que não enfocou o corpo, que poderia ser entendido somente como físico, permitiu o alcance da narrativa historiobiográfica e que o corpo amputado pudesse se narrar e ser encontrado.

Participaram deste estudo uma mulher e um homem, os quais nomeei Honda (50 anos) e Carlitos (54 anos) e ao que justificarei mais à frente. Diante meu convite, ambos responderam desejosos de colaborar no desenvolvimento do estudo e narrar suas histórias. Eis que, então, iniciei a coleta de narrativas. A organização desse conteúdo foi realizada em quadros de análise - conforme o trecho exposto no anexo II -, que corresponderam um para cada sujeito e possibilitaram uma ampliação de reflexões, questionamentos e percepções minhas que não necessariamente estão abarcadas na análise a seguir, por escaparem às constelações formadas de acordo com a pergunta deste estudo e por não comportarem na extensão deste trabalho. Através dessas reflexões, chego às unidades de sentido que se desvelaram, que serão expostas ao longo da análise das narrativas nos itens 4.1 e 4.2, e que formaram 2 constelações que comporão os itens 4.3 e 4.4 deste trabalho: “Ser-amputado: corporeidade como identidade” e “Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado” – essas se formaram conforme leitura compreensiva e revelar das experiências, sentidos e possibilidades dessas duas pessoas que vivenciam e experienciam a amputação enquanto corpos no mundo, comparativos que realizei com a organização da tabela disposta no anexo III.

Vale lembrar que, como este estudo visa descrever como os fenômenos se mostraram a mim, as constelações formadas também expressam uma organização da minha compreensão, do lugar em que eu me encontrei nesse decorrer, situadas no meu olhar. “As constelações dependem de alguém que as

admire, para que recebam nome e sentido de acordo com a compreensão de cada pessoa. Assim, cada novo olhar possibilita novas constelações a serem formadas.” (LOURIDO, 2017, p. 81). Eu, pesquisadora inexperiente, estudante de psicologia, parti de minhas concepções prévias - construídas a partir do meu quase nulo contato com pessoas amputadas, dos meus conhecimentos de psicologia e saúde, de minhas leituras e estudos nesses meses de realização deste trabalho, e de minha experiência como espectadora de um filme de animação – para investigar o que essas entrevistas me trariam de novidade para minha compreensão de amputação.

Logo, após a contextualização feita e os detalhes anexos, passemos às análises, em que realizo diálogo com as contribuições do pensamento de Merleau-Ponty (2018) e Dulce Critelli (2012) e os autores citados no transcorrer deste trabalho, e trago as falas de Honda e Carlitos fundidas a minha conarração, como forma de prezar a voz e lugar desses corpos que nos falam. Nos dois tópicos seguintes pretendi fazer uma síntese e apresentar a você, leitor, cada um dos participantes. Logo após essa síntese, discorro sobre o que apresentaram em comum, análises do fenômeno da amputação que resultaram nas constelações supracitadas.

4.1 Honda: mulher motoqueira, não lagartixa

Pesquisadora: “Conte-me sua história”.

Cada participante recebe o convite a narrar sua história à sua maneira. Honda, de 50 anos, entende-o como um convite a contar como vivia antes da amputação e o que a levou a amputar, já realizando contrastes entre o que não fazia e o que passa a fazer após esse evento. Desde o primeiro momento, sua narrativa traz sua identidade de mulher, que trabalhava e cuidava da casa, vivendo uma vida acelerada sem dar atenção para seu corpo e si mesma. Motoqueira há 20 anos, foi fazer uma entrega de máscaras - trabalho que realizava provisoriamente durante a pandemia da COVID-19 - e sofreu um acidente que culminou na amputação de sua perna.

eu sou motoqueira há mais de 20 anos, viajava toda semana (...) peguei a motinha minha, fui levar a máscara... passando num cruzamento no centro da cidade aqui onde eu moro, terminando de passar o cruzamento, veio um carro na contramão... pegou direto na minha perna. Eu mesma assim... é, não aconteceu nada a mais comigo né? não aconteceu nada, só um raladinho no outro joelho, mas a minha perna não teve... não teve salvação.

Logo no início de sua narrativa, Honda já se apresenta como corpo completo, não fala só da perna, fala-se como um todo - "*não aconteceu nada a mais comigo*", assim como fala de sua corporeidade. Ao contextualizar seu acidente, Honda diz: "*Eu sou motoqueira há mais de 20 anos*". Essa fala é recebida por mim não só como contextualização que é trazida para que eu entenda como aconteceu a sua amputação, mas como uma narrativa de identidade, perante a qual reconheço uma primeira unidade de sentido: *ser-motoqueira: moto como extensão do corpo*. Honda poderia apenas dizer que estava pilotando quando sofreu um acidente, que sua amputação aconteceu quando estava em cima de uma moto... inúmeras possibilidades. Assim como ela poderia dizer "eu ERA motoqueira", mas ela diz "eu SOU motoqueira". Independente de não estar mais pilotando, por uma limitação financeira oriunda de uma limitação física - perda da perna exige que compre um triciclo -, ainda é motoqueira. Seu corpo é motoqueiro, independente do corpo físico estar em cima de uma moto. Isso está expresso em sua relação com o mundo, seus interesses, sua fala - escolhe trazer essa história porque a constitui, conta como se movimenta no mundo em suas viagens, nesses 20 anos - e em seu movimento de ir tirar sua nova habilitação. Através de sua abertura para as possibilidades, nos revela também um desejo de que seu vir-a-ser esteja de volta em cima de uma moto. Para Honda a moto não é percebida com mero objeto.

O ser das coisas (o que são, como são) não está consumado na sua conceituação, mas também não está incrustado nas próprias coisas, ensimesmadas. Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas. Está entre os homens e as coisas; está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se

referindo e lidando com as coisas e com tudo o que há. (CRITELLI, 1996, p. 17)

Logo, no seu lidar com a moto, a moto não é apenas uma moto, o corpo é aquilo porquê existe moto e a moto configura-se como extensão do seu corpo, participa de seu volume, instala-se em seu ser, muda sua existência e compõe sua espacialidade. “Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva de nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 199). É seu movimento no mundo, esse corpo que se dirige intencionalmente e é motoqueiro. Essa relação também é revelada quando desocultamos tudo o que há de significado por trás de suas falas sobre a moto:

minha perna não teve... não teve salvação. Minha moto ficou inteira, não aconteceu nada

eu queria mesmo era conseguir andar na PCX sem as duas rodas na frente

vendi minha moto, vendemos umas coisas que a gente tinha, e consegui o valor da prótese

Honda já tinha dito o que aconteceu com sua perna, não precisaria dizer sobre o estado da moto após o acidente se ela não constituísse o seu corpo, o seu ser-moto(queira). Sua identidade de motoqueira é tão constitutiva de seu ser que suas aventuras e paixão por pilotar não colocam o acidente e a amputação como limitação dessa vivência, não se configura um trauma, mas sim sua história de aventureira que alimenta seu desejo de continuidade. Por fim, vender a sua moto não é vender só mais uma coisa que tinha, é um substantivo que se destaca da frase, pelo valor, e não preço, que a moto tem e é compensada pelo valor de se ter uma prótese. Tudo isso, que ela não tem a intenção consciente de revelar com suas frases, e que seria tomado como insignificante em sua objetividade, é revelado no meu processo hermenêutico de interpretação. Aproveitemos, então, para adentrar outra unidade de sentido: *eu adoro minha prótese*.

nossa, eu adoro minha prótese, porque ela não me machuca nem nada, né?

Ao falar de sua prótese, Honda nos conta que se sente bem com ela, usa o tempo todo e, inclusive, gosta de ficar com ela em casa. Desconstruindo a minha concepção prévia de que seria mais confortável ficar sem prótese quando se está no seu lar, num ambiente conhecido e aconchegante, para se sentir mais livre e leve, Honda traz uma percepção diferente, de uma prótese que não é só uma máquina solidificando o seu corpo, que seria vista como inorgânica ainda que possibilite movimento, autonomia e alcance. Para Honda, a prótese é também parte de si, não é percebida como um membro estranho ou mero objeto facilitador, mas como uma abertura de possibilidades sem sentir dor ou desconforto. Reforçamos assim o valor, e não preço, de sua prótese, que se integrou rapidamente ao seu corpo e está com ela em todos os momentos. Falando sobre o tempo, sigamos com a reflexão a seguir.

Sempre tive uma vida bem agitada, correria mesmo

Tá uma correria agora minha vida, assim, é outro tipo de correria.

A amputação não ocorreu subitamente, mas envolveu um processo de escolha/decisão, que foi rápida mediante consideração do saber médico sobre o seu sofrimento após o acidente. Depois de dois dias já estava em casa, sem a perna. No terceiro dia em casa largou a cadeira de rodas. Em dois dias já estava andando pela casa de muleta. Depois de 2 meses já conseguiu sua prótese. E hoje, tem uma rotina de dedicação ao esporte, vivendo “*outro tipo de correria*”.

A partir da temporalidade manifesta em sua narrativa, delineamos mais uma unidade de sentido: *uma vida corrida*. A correria mencionada por Honda não diz respeito somente as suas tarefas de trabalhar e cuidar da casa, é do seu modo de ser e como vive os acontecimentos de sua vida. A interrupção abrupta da pandemia; o acidente que por si só já é algo repentino (diferente de uma doença que vai se instaurando); a decisão de amputação que é tomada de imediato; a perna que um dia está lá e no outro não; o rápido retorno para casa; e a rápida adaptação e aceitação; todos esses elementos expressam o tempo de sua vivência. Uma mulher que, mesmo após ter amenizadas suas atividades de trabalho – hoje está recebendo auxílio e em breve se aposentará –, continua vivendo uma vida que acontece numa correria, ainda que diferente da anterior à amputação. Ela poderia

escolher desacelerar agora, mas é de seu modo de ser-no-mundo dedicar-se às suas atividades de forma “*agitada*” – como ela mesma se define. Assim, a expressão “rápida” que venho usando perde sua marca, e evidenciamos o tempo kairós em detrimento da normatização de um tempo cronológico. Honda, como uma moto que corre na estrada, tem sua temporalidade própria demarcada corporalmente. Justifico aqui o nome atribuído à participante. Segundo ela, Honda era a marca da moto que tinha quando sofreu o acidente, sua primeira moto zero quilômetros e a qual teve por mais tempo. Honda, mulher motoqueira, que corre e se entrega a vida em seu movimento.

Hoje sua atividade é o halterofilismo, um esporte de força. A entrada na modalidade deu-se por indicação e incentivo insistente de um treinador da academia, que ela começou a frequentar após a amputação, assim como pela confiança que o treinador da modalidade depositou nela. A partir da amputação começa a olhar para o corpo, cuidar da saúde, praticar esporte, numa perspectiva de inclusão (programa de esportes para todos).

Dali eu comecei a... praticar esporte porque... pro meu bem-estar, né?

Apesar de explicitar que iniciou a prática de esporte para o seu bem-estar, traz muitos elementos significativos sobre essa empreitada que nos diz mais sobre sua identidade, como exemplo a escolha por entrar na modalidade. Se fosse só uma questão de recomendação médica para bem-estar após a amputação, ela poderia fazer o básico de uma rotina de atividade física, mas para ela vai além do físico. Além de reforçar o seu modo de viver na correria – provavelmente não se esforçaria tanto na academia se não tivesse entrado para a modalidade – a participação de Honda no halterofilismo está atrelada ao seu projeto de futuro. A resistência para entrar na modalidade (não tinha dado atenção, demorou para ligar para o treinador, e até mesmo o fato de nunca ter feito academia porque não tinha tempo, ou seja, não priorizava) se mostra como um processo de escolha que não implica só entrar ou não entrar, fazer ou não fazer atividades físicas. Para Honda, a entrada na modalidade transforma toda a sua vivência, rotina, possibilidades de investir o tempo e de seu vir-a-ser, uma pioneira no halterofilismo de sua cidade.

A vivência de amputação aqui revela-se como uma grande transformação, que compõe seu ser, seus interesses, seus projetos, o que eu reuni na unidade de sentido: *eu vou ver no que vai dar*. Embora Honda tenha incertezas quanto às suas perspectivas de construção de uma carreira no halterofilismo, por uma queda no rendimento conforme o envelhecimento e limitações físicas, tendo em vista que está com 50 anos, ela se mantém aberta a esse projeto, esperando ver no que vai dar. As transformações não se configuram somente como mudanças, mas como crescimento. A despeito da diminuição de seu corpo físico, com a perda de uma perna, Honda cresce fisicamente com sua dedicação na academia (ganho de massa muscular), mas também cresce em suas experiências (trabalhava há mais de 20 anos na mesma empresa), suas conquistas (competir, ainda que não vença), sua moto (passa a ser um triciclo) e em seu vir-a-ser.

É a partir desse olhar para o futuro que Honda enfrenta seu luto e passa pelo processo de recuperação de sua amputação.

Tinha os momentos que desabava, chorava, chorava, chorava, aí pronto, passava. Aí ficava normal de novo, eu pensava não adianta ficar... vamos supor, ficar em depressão... me acabar agora, porque eu pensava assim "Ah tem que cuidar do que sobrou agora, né?"

Ter uma perna amputada gera muita tristeza, e faz parte do processo de recuperação dar vazão a esse sentimento. Para Honda, algo que ajudou a lidar com esse momento foi pensar que ainda tem um corpo para cuidar e viver, através do qual ela é, e pode ser, atleta e motoqueira.

Mas é assim, vida que segue. Não tem o que fazer, né? É igual eu costumo falar: a gente não é lagartixa, né? que... diz que a lagartixa quando perde o rabinho depois nasce outro, né? Não sei (risos). A perna não nasce outra, né? (risos) Não adianta chorar o leite derramado.

A vida continua mesmo sem este membro, cuja perda é um fato, que não tem como voltar atrás ou fazer surgir de novo, como acontece com a lagartixa. Ainda que não adiante chorar o leite derramado, Honda, que tem uma vida corrida,

se deu tempo para chorar. Discorro, então, sobre o que se desvelou a mim quanto às emoções e limitações de uma amputação através de mais uma unidade de sentido: *a gente não é lagartixa*. Nesse momento, há um resgate de sua humanidade, que engloba sofrimento, mas também suas possibilidades. Uma lagartixa não tem a condição humana da corporeidade. As metamorfoses humanas são diferentes da regeneração de um rabo de uma lagartixa. Enquanto humanos, os acontecimentos nos atravessam. Uma lagartixa não chora, e nós não choramos somente a perda de um “rabo”, mas vivemos um luto por tudo que será ressignificado. Uma lagartixa não pode assinar a amputação de seu rabo - como Honda mesma fez -, pois ela não tem a dimensão da escolha, que é angústia para nós humanos. A lagartixa não tem a percepção de passado para querer voltar ao que era, e chegar a fantasiar/sonhar que nada aconteceu.

Olha, no começo assim... foi difícil, né? você acordar e parecia que eu tava vivendo um pesadelo, né? porque, tipo, foi um fim de semana, né?

vou falar a verdade pra você: se eu pudesse fechar o olho e acordar e voltar lá pra minha vidinha de trabalho, de correria, eu voltaria. (...) Não é a mesma coisa de você ter a perna, né? (...) eu queria sim, ir pra lá e esquecer esse negócio de fazer máscara, bobagem, por causa de 30 reais. 30 reais.

A lagartixa não tem a dimensão do tempo a atravessando, o mundo abrindo-se a ela quando ela chega em casa e dizendo-lhe que agora se é amputada. Na vida corrida de Honda, parecia que ela só tinha aquele final de semana no hospital para aceitar e chorar o que lhe aconteceu. O pós-operatório é um momento difícil, em que ainda não se reconhece a ausência do membro como definitiva. Leva-se um tempo para se apropriar do acontecido e a sensação de que é um pesadelo sumir. Um fim de semana no hospital é pouco tempo para essa elaboração, elaboração que Honda continua vivendo, inclusive ao narrar sua história. E mesmo que Honda não relate outros momentos tão claros de sofrimento quanto os momentos em que chora, seu sofrimento não se restringe ao choro, está também ao narrá-lo e ao arrepender-se. O seu arrependimento é compreendido por mim como parte importante do seu processo de recuperação. Ao atribuir uma relação

de causalidade (se eu não tivesse saído de moto para entregar as máscaras que vendi, eu não teria sofrido o acidente), expressa uma indignação, a importância de seu corpo e o seu valor. Sua aventura, sua paixão pela moto, sua perna, não valem 30 reais. A questão aqui não é a causa - ainda que estivesse indo salvar uma vida, talvez ela dissesse "se eu não tivesse ido por aquele caminho..." ou "se eu tivesse saído mais cedo..." -, a questão é expressar sua indignação, "desabar" diante da inexistência de qualquer formulação que justificaria sua perda, o que torna o corpo e a experiência muito valiosos, movimento importante no processo de recuperação, para que se encontre forças para "cuidar do que sobrou". Quando se está próximo da vivência de cirurgia, a amputação parece ser vivida com mais pesar, mas com o tempo de apropriação dessa vivência (tempo como vivido por ela e não só cronológico), a narrativa de sua amputação vai se costurando a sua existência e encaminhando Honda para suas potencialidades. "É o real que se torna suportável quando podemos narrá-lo" (CRITELLI, 2012, p. 32).

A recuperação de Honda começou com o uso da cadeira de rodas. O uso da muleta exigiu equilíbrio e provocou medo. Com a chegada da prótese, o medo reaparece, mas logo se dá a boa adaptação. Uma lagartixa não sente medo como nós sentimos, com a capacidade de predição, de visualizar as possibilidades e achar-se em falta com uma delas. Como humanos, somos seres faltantes. Honda diz que sua *"perna faz muita falta"*, e essa falta impõe limitações, como não conseguir subir rampas e ladeiras, que são difíceis mesmo com uma prótese boa; e não conseguir subir em uma moto sem as duas rodas na frente, mesmo com a prótese, pois há o medo de ela não sustentar. Mas, o mais difícil para ela *"foi a transformação do corpo"* e aqui ela se refere ao corpo como imagem, sua autopercepção, o corpo próprio que Merleau-Ponty nos traz, que se interpreta a si mesmo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 208). Não conseguir encontrar roupas que caíssem bem, a assimetria do bumbum, e não gostar do que está vendo quando se olha mobiliza sua autoestima e aceitação. Eis que me vem a seguinte pergunta: lagartixa é mulher?

Lagartixa é o termo usado tanto para os espécimes fêmea quanto macho, o que só nos indica o sexo. Lagartixa não tem gênero. A gente não é lagartixa. A atitude fenomenológica é aquela que se põe diante o fenômeno, identificando também seus atravessamentos. Sem a pretensão de uma explicação única para o

fenômeno da amputação, esse método nos permite olhar e reconhecer esse corpo mulher que nos fala. Desde o início de sua narrativa, Honda traz sua identidade de mulher que trabalha e cuida da casa, e agora nos traz sua autoimagem, sua insatisfação e vergonha. Segundo ela, os elogios do seu marido foram bons para sua recuperação, mas a questão maior era como ela se sentia com o próprio corpo, como se via e se envergonhava também diante dele. Ela precisava, por si mesma, se aceitar, e isso demanda tempo e intimidade, reconhecendo não só sua nova imagem física, mas toda sua corporeidade de mulher amputada.

Como nos convida Merleau-Ponty, ampliemos a percepção para uma compreensão de corpo próprio, integrado, que se interpreta. Não estamos falando somente da visão. Os dados da visão e do toque estão reunidos no ser, de modo que, mesmo aquilo que nos é invisível - um pé dentro de um sapato, os membros inferiores sob a mesa – é reconhecido visualmente por nós. E quando falamos da experiência de amputação de Honda, estamos falando de seu membro fantasma, seu pé que lhe é invisível, mas perceptivelmente reconhecido por ela. “Não traduzo os “dados do tocar” para “a linguagem da visão” ou inversamente; não reúno as partes de meu corpo uma a uma; essa tradução e essa reunião estão feitas de uma vez por todas em mim: elas são meu próprio corpo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 207). A partir disso, trago a questão do membro fantasma como vivenciado por Honda, através da unidade de sentido: *o meu pé tá aqui*.

Porque a gente continua sentindo o membro, né? continua sentindo. Agora, mesmo se eu falar... lembrar do meu pé, o meu pé tá aqui, eu tô sentindo. Era bem interessante também, quando eu amputei, eu sentia muito o meu pé, não dor, eu sentia ele, só sentia que tinha. Então quando eu sentava na cama assim do hospital a minha perna entrava dentro da cama né? porque não tinha perna (risos), entendeu?

O membro ausente habita de maneira contínua o seu mundo, mantendo sua expressão e existência, e continua sendo sentido ainda que invisível. O corpo “é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 210). Como explicitado na introdução deste trabalho, para Merleau-Ponty, o fenômeno do membro fantasma não acontece

deliberadamente, por uma vontade autônoma e “consciente” de se ter o corpo perdido de volta, assim com o membro fantasma não é uma representação do membro amputado, mas a presença ambivalente do membro, que significa manter-se aberto a todas as ações das quais apenas esse membro é capaz, conservando o campo prático que se tinha antes da limitação ocasionada pela mutilação e encontrando a certeza de sua integridade na evidência deste mundo completo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 121-122). Assim, o sujeito não o extinguiu, porque continua a contar com ele.

No caso que nos ocupa, a ambiguidade do saber se reduz ao fato de que nosso corpo comporta como que duas camadas distintas, a do corpo habitual e a do corpo atual. Na primeira, figuram os gestos de manuseio que desapareceram da segunda, e a questão de saber como posso sentir-me provido de um membro que de fato não tenho mais redundando em saber como o corpo habitual pode aparecer como fiador do corpo atual. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122).

O corpo habitual é uma necessidade para uma existência integrada, de modo que o membro fantasma não é apenas uma rememoração, mas um quase-presente, um antigo presente que não se decide tornar-se passado (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 127-129). Dessa forma, o humano não é um psiquismo unido a um organismo, e sim um movimento da existência, que é corporal e voltado para o mundo.

Contudo, o corpo enquanto esse nó de significações e que se comporta como uma função geral, é acessível à doença. A consciência pode ficar doente, seu fundamento pode desmoronar. Diante dessa experiência, “ela imita suas operações costumeiras, mas sem poder obter sua realização intuitiva e sem poder mascarar o déficit particular que as priva de seu sentido pleno” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 192). Sendo a motricidade entendida como a intencionalidade original, é possível pensar o fenômeno do membro fantasma por essa perspectiva. O corpo que se direciona e se abre ao mundo, permanece nessa atividade ainda que não esteja objetivamente completo. Assim como Merleau-Ponty exemplifica que os objetos não existem mais para o braço do apráxico (2018, p. 193), pode-se colocar que os objetos ainda existem para o corpo do amputado, ainda que seu membro

não esteja objetivamente lá, e é isso que corrobora para que o membro continue existindo.

Ao mencionar a temporalidade, Merleau-Ponty pontua o corpo fantasma como “um antigo presente que não se decide a tornar-se passado” (2018, p. 127). A temporalidade, como mencionada anteriormente é condição existencial do ser-no-mundo, e não diz respeito ao tempo cronológico (do relógio), mas ao tempo vivido, como percebido por cada um, tempo real que nasce da relação do sujeito com as coisas, que constantemente entrelaça passado, presente e futuro. Para Merleau-Ponty, a consciência é sustentada por um “arco intencional” que projeta em torno de nós diversos aspectos, dentre eles o tempo e o espaço, e os unifica. Contudo, na doença esse arco se “distende” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 190).¹

As recordações que se evocam diante do amputado induzem um membro fantasma, não como no associacionismo uma imagem chama uma outra imagem, mas porque toda recordação reabre o tempo perdido e nos convida a retomar a situação que ele evoca. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 127).

Para Merleau-Ponty, “o saber de um lugar se entende em vários sentidos” (2018, p. 151). Saber, em seu sentido popular, que o membro não está mais lá não é suficiente para não experienciá-lo em seu esquema corporal. A presença do membro fantasma tem lugar na ordem do fenomenal, não passa pelo mundo objetivo. O espectador, que atribui ao sujeito da percepção a sua representação objetiva de corpo amputado, julgará inexplicável a presença de algo que não consegue ver objetivamente.

Não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levantava em direção aos objetos a pegar e que os percebia. (PONTY, 2018, p. 153)

Para além da percepção do membro fantasma, pé que está com Honda até hoje, ela menciona também a dor fantasma, que apareceu após a amputação e durou um mês. Segundo Garcia e Ribeiro (2019, p. 75) a dor fantasma “trata-se de uma sensação de dor referente ao membro perdido, que pode se manifestar

¹ Em Merleau-Ponty (2018), a doença não é vista em oposição à saúde, nem como modalidade da consciência ou julgamento de valor, mas como “passo existencial” (p. 227), manifestação, alteração, que exprime a “estrutura temporal de nosso corpo” (p. 194) e o processo de renovação.

também sob as formas de ardor, compressão, espasmos, dormências e dor de intensidade e frequência variadas”.

eu tinha a impressão que o meu pé que eu não tinha mais, o pé amputado dava a impressão que ele tava preso numa morsa e eles iam prendendo, prendendo, apertando, apertando. Era muito ruim, uma dor terrível. (...). E essa dor era pior que a dor do parto, e era uma dor que não tinha o que fazer, porque não tinha, nem tinha pé, como é que... né?

Por meio de sua vivência, Honda apreende que a dor fantasma aparece por conta de algo que não está adequado, seja a prótese, seja a cicatrização, seja o enfaixamento do coto, e desaparece quando não se tem mais nada incomodando, sendo a qualidade da prótese importante para a ausência de dor. Honda adora sua prótese, mas quando nos diz *“eu acredito que... eu não sinto mais essas dores porque não tem nada incomodando”* buscamos o oculto em sua fala. Não é só a prótese que não a incomoda, após 2 anos de sua amputação Honda já passou por uma elaboração do seu luto, hoje aceita o acontecimento, reconhece sua identidade corporal, está tranquila com sua imagem feminina. Quando diz que não tem nada incomodando, não é só fisicamente, não é só a prótese, ou o coto, ou os nervinhos, é tudo. Ela está bem em sua vivência de mulher amputada e como mulher que é corpo, una e integrada, de modo que a dor fantasma foi a expressão de uma dificuldade de aceitação e renovação do esquema corporal que se impôs, mas que hoje está mais elaborada.

A apreensão de Honda sobre o motivo da dor fantasma trata-se de um saber que vem do corpo, do que sente. *“Eu penso assim, não sei, ninguém diz isso, mas eu acredito comigo pelo menos, eu acredito que seja isso”*. Ainda que tente explicar a causa da dor, sua verdade é uma verdade que Merleau-Ponty chama pré-reflexiva, ou seja, que não precisou chegar ao nível da reflexão consciente para tornar-se conhecimento e movimento no mundo. A preocupação central desse autor *“é definir que todo conhecimento presente em nossa consciência passou primeiro pelas portas da percepção”* (CARMO, 2000, p. 31), da percepção de um corpo senciente, que sente e sabe sobre a dor, e de um corpo que sabe enfaixar ainda que não sejam suas mãos que enfaixem.

meu filho que enfaixava pra mim minha perna. (...) Então, tinha um lugarzinho que ele apertava que começava essa dor. Então eu percebi que eu pedia para ele soltar um pouquinho a faixa, o enfaixamento, a dor passava.

Para ampliar a apreciação de um saber que vem do corpo, estamos também falando de um saber que vem do corpo nas relações, no enfaixamento, na sustentação, no compartilhar de experiências. Aqui adentramos a última unidade de sentido: *mas eu sempre tive... apoio*. Honda conta que além da ajuda com o enfaixamento, seu filho e seu marido a ajudaram ao longo de toda sua adaptação, assim como outros familiares e amigos que a apoiaram e incentivaram, inclusive, ajudaram a conseguir o dinheiro para comprar a sua prótese. Honda traz em sua narrativa a importância do apoio dos familiares, principalmente quanto ao processo de aceitação, mas também considera que quando eles mesmos não entendem, não aceitam ou julgam a amputação, podem dificultar esse processo interferindo na autoestima.

Era até ruim ficar perto dela, porque ela não se conformava. (...) Eu evitava ficar junto com eles, porque eles meio que deixavam mais baixo astral, mais tipo... baixa estima

Para fora do contexto familiar, ela também expressa a importância das trocas com pessoas que também vivenciam a amputação. O conselho de um amigo para abandonar a cadeira de rodas; o apoio de outras mulheres amputadas que a fortaleceram como identidade feminina e contribuíram com sua aceitação e autoestima; ter para quem perguntar sobre as transformações do corpo, sem sobrepor o saber médico aos sentidos de quem vivencia essa experiência; assim como poder compartilhar seus próprios aprendizados e ajudar outras pessoas amputadas; tudo isso compondo uma rede de referências e construção de sentido para o vivido. Também fez parte da formação de uma rede de cuidados os profissionais de saúde que atuaram em seu processo de amputação. Honda elogia muito a clínica com quem realizou sua reabilitação, considerando-os verdadeiramente comprometidos em proporcionar uma boa adaptação, sem dor, e com materiais de qualidade. Além da equipe esportiva que tanto a incentivou.

Por fim, ela narra o episódio recente em que revelou sua amputação para seu neto, depois de muito tempo sem coragem de se mostrar. A primeira vez que a criança viu sua prótese entendeu como uma fantasia, e mesmo com a retirada da prótese e exposição do coto não reagiu mal.

Não tinha coragem de me mostrar (...). Na hora que eu tirei a prótese, achei que ele ia levar um susto, eu tirei e coloquei a prótese encostada, ele foi direto na prótese, e olhando, e olhando por dentro, e olhando assim, interessante, nem deu bola pra mim, nem respondeu mal. Foi mais da minha cabeça mesmo. Achei que ele ia levar um susto (risos).

Para o menino, a prótese era um objeto curioso, um brinquedo, um robô. Para ela, a prótese era mais que um objeto, era extensão de seu corpo, ela tinha sentido, carregava sua história, seu acidente, a falta de uma parte física, um evento trágico, assustador para uma criança. E o fato dessa preocupação dar-se somente diante uma criança revela mais do que só a preocupação com como o outro será impactado por isso, mas o que a reação daquele outro significa para si. A criança é espontânea, sincera e espelha sem vergonha os nossos medos mais íntimos. A preocupação e medo eram de Honda somente, esse trecho ressoou como um medo de rever, pelo olhar da criança, o sofrimento que lhe acometeu. Me parece que mostrar para a criança era ultrapassar a última "barreira" social em caminho de sua própria aceitação.

Hoje, Honda se aceita, é uma mulher capaz de rir de si mesma, que consegue contar sua história, apropriar-se de seus sofrimentos e dar sentido a sua experiência, nunca abandonando seu movimento e focada em seus projetos futuros.

4.2 Carlitos: corpo trabalhador, corpo político

Carlitos, de 54 anos, se apresenta como filho, irmão e trabalhador, que teve sua perna amputada após a complicação de uma doença vascular. O convite a iniciar sua narrativa é entendido por ele como um convite a narrar sua história, que é também a história de sua família e da construção de seus ideais e valores. Dulce

Critelli pontua que “histórias de família nunca são histórias alheias, mas nossas próprias histórias. Através delas, nossa vida vai encontrando seus motivos e suas razões.” (2012, p. 48). Esse movimento de narrar-se através desses referenciais dá-se na dinâmica de revelações e ocultamentos, assim como dentro de uma cronologia própria. Carlitos não começa sua fala já expondo sua experiência de amputação, ele demora a falar sobre ela, mas é possível notar que desde o início esse fenômeno já está presente no ocultamento. A amputação faz parte de sua experiência e ele sabe que a pesquisa é sobre amputação, de modo que ainda que não fale diretamente sobre, está o tempo todo revelando-a a mim. Logo, quando está apresentando sua família - ainda que cada um tenha seguido o seu caminho, a caracteriza como unida, que usa o diálogo e tem como grande valor o respeito ao próximo e o trabalho-, ele fala sobre como lidam com os erros, trazendo oculta em sua fala o seu próprio erro ao não cuidar de sua saúde e ter o agravamento de uma doença que o levou a amputar, mesmo que ainda não tivesse falado sobre a amputação.

Conversa e assim por diante, e alguma coisa que aconteça no meio da família, sendo errado pra um, "ó você não pode fazer isso, você fez isso, aconteceu com você e tal tal", mas é o respeito, entendeu?

Antes de tocar explicitamente na contação de sua amputação, em diversos momentos manifesta esses modos de relações familiares e se manifesta criticamente sobre questões políticas e sociais, de modo que para mim parece estar sempre falando sobre si, sobre seu erro e sobre seus sentimentos diante a amputação. Carlitos fala muito sobre certo e errado e sobre ser muito diplomático. Para um ouvinte que se prende à objetividade, Carlitos estaria fugindo da temática da entrevista ao falar extensamente sobre jovens infratores, sobre como deveria ser a lei e a educação. Sobre esses jovens infratores, ele diz:

Mas, o que eu quero é... colocar assim é aquele negócio: você é responsável pelos seus atos, entendeu? você é responsável.

Eu capto essa fala para além dos jovens infratores. Carlitos sente-se responsável por sua amputação. Entendo que por meio desses deslocamentos, vai construindo um caminho para mais a frente falar sobre sua amputação diretamente. Entendo esse movimento como uma construção de confiança ao longo da entrevista e até mesmo um preparo para se sentir seguro para se expor e narrar-se, falando por si mesmo, sobre sua própria vida, sem precisar de mediadores e assuntos “alheios”.

Através dessa história veladamente elaborada, nós nos justificamos em nosso existir. Ao mesmo tempo em que nos explica, ela nos abona de nossas contradições, malfeitos, fracassos e culpas. Essas histórias são bastante convenientes, portanto. Elas têm a função imediata e simultânea de nos revelar e encobrir. De nos mostrar, mas também de nos proteger do olhar e do julgamento, tanto dos outros quanto nosso próprio. (CRITELLI, 2012, p. 52)

A partir dessas falas e finalmente de suas falas sobre como aconteceu sua amputação, que alcança mais a frente na entrevista, organizo a minha compreensão através da unidade de sentido: *foi um descuido meu, mas eu não sabia*. Carlitos se diz bem ativo e praticante de esportes. Mas, tinha um problema de saúde que não sabia, e quando o descobriu não sabia o que fazer, não parou de trabalhar e considera que teve um descuido de sua parte e não viu o que estava acontecendo consigo.

eu tive um problema de saúde, até então que eu não sabia. Tudo bem, eu vou até adiantar que foi um.... uma... uma... um descuido meu, entendeu? Foi um descuido meu. Mas eu não sabia (...) Continuei trabalhando. Até então eu... pra você ter ideia eu não tinha nem noção do... do que eu deveria fazer. (...)num corri pra esse lado de de é... de ver o que tava acontecendo comigo, entendeu? Eu falei "não, eu tenho que trabalhar". Trabalhar trabalhar trabalhar.

O problema vascular que levou à amputação foi uma trombose ocliterante na perna esquerda, considerada uma doença silenciosa por só ser percebida quando já está em um ponto crítico, ou seja, quando atinge vasos principais e provoca dor. Não é uma doença comum, de forma que ele se surpreendeu por ter

sido ele o atingido dentre tantas pessoas que poderiam desenvolver o quadro. Ao mesmo tempo que revela uma culpa pelo ocorrido, pois poderia ter parado de trabalhar e se cuidado, poderia ter perguntado o que deveria fazer, poderia ter prestado atenção ao que estava acontecendo consigo, ele também se defende dessa culpa, pois não sabia que tinha esse problema de saúde, diz que “*nem os médicos sabiam*”, era “*uma doença silenciosa*” e ao descobrir não sabia o que tinha que fazer. Esse balanço entre culpa e desresponsabilização é a forma que Carlitos encontra para lidar com o que lhe acometeu. Ao mesmo passo que tenta se proteger de seu descuido, pois parece ser sentido por ele como muito pesado, afinal tem o peso da morte de parte de seu corpo, ele também já tem condições de assumir seus atos e aceitar seu acontecimento entendendo que era o que podia no momento, o que tinha como recurso e que precisava trabalhar.

Quando alguém pode explicar aos outros o que fez, por que fez, para que fez e quais as consequências de suas ações; quando pode comparar suas intenções com o resultado de seus feitos; quando, inclusive, pode julgar seus atos e palavras, certamente, terá aprendido a narrar-se. [...] É a construção de uma narrativa autobiográfica que nos prepara para o julgamento. Somente quando podemos julgar a nós mesmos e, então, escolher e dirigir nossas ações, é que ganhamos a condição de autoria de nossa existência. (CRITELLI, 2012, p. 38-39)

Carlitos não correu para esse lado de ver o que estava acontecendo consigo, não se olhou, não se sentiu, não se reconhecia também como corpo doente, mas como trabalhador. Só parou de trabalhar porque não aguentou mais e precisou ser internado por conta do agravamento de seu problema de saúde. Entendo essa identidade de trabalhador como o grande elemento que o ajudou a ressignificar sua amputação e se haver com seu descuido, pois ficar sem trabalhar para ele era mais do que dinheiro, afinal ele recebeu o auxílio. Trabalhar é atividade humana que também dá sentido ao existir e às escolhas, sentidos que reuni da unidade: *trabalhar trabalhar trabalhar*, e que começaram a ser expostos antes mesmo dele falar sobre sua amputação.

Carlitos contextualiza sua identidade de trabalhador desde o início de sua história. Foi criado em uma família que tinha o trabalho como valor e formação de caráter, e que começou de baixo.

A minha família, assim, ela sempre foi uma é... ã... pessoas trabalhadora, a gente sempre trabalhou, tá? Até porque, porque a gente precisava, pra ajudar a mamãe, entendeu? (...) Então também você vai montando o seu caráter.

Ainda que a intenção primeira seja a sobrevivência, o trabalho não é só uma forma de conseguir dinheiro para se sustentar, para Carlitos o trabalho é um valor familiar, é sua história, é formador de caráter, que ele tanto valoriza em toda sua narrativa. Já trabalhou num emprego com foco no relacionamento com as pessoas, onde gostava e aprendeu a lidar com elas, exercia sua diplomacia e gostava de resolver problemas. Nesse emprego, lidando com pessoas, revela-nos a dificuldade e a existência de pessoas que gostam do que ele faz e outras não. Por seu jeito diplomático, resolve pedir demissão, ainda que uma votação tenha resultado por sua permanência. Esse não foi o primeiro emprego de Carlitos, mas foi o escolhido para começar a contar sua trajetória de trabalho, o que me sinaliza sua intenção, não consciente, de expressar as dificuldades de seu percurso de trabalhador. Essas dificuldades vinham sendo narradas mesmo quando ele ainda não falava sobre si. Ele foi contextualizando o lugar do trabalho em sua vida desde o início da entrevista, quando ele ainda falava através dos jovens infratores, que eles deveriam poder trabalhar para responder por seus atos e não ficar sem nenhuma atividade.

Poucos vão estudar, são inteligentes, eles são, são, são inteligente sim, é só usar, vamo usar isso aqui, mas eles não querem, entendeu? Então, você não pode pegar e forçar uma pessoa a fazer aquilo que ele não quer (...)

E você não vai ficar só sentado, só comendo, bebendo e dormindo, não. Você vai ficar, você vai trabalhar, vai acordar oito horas até às 18 horas. Tipo nós aqui, entendeu?

Quando ele diz do que acredita para esses jovens, ele está dizendo também de seu desejo. Ele quer estar em atividade, não gosta de ficar só recebendo auxílio, comendo, bebendo e dormindo, ou sendo forçado a fazer aquilo que ele não quer. Ele é inteligente, quer trabalhar, "tipo nós aqui, entendeu?". Ele sabe o que é "ficar com aquele negócio na cabeça tilintando assim sem você fazer porcaria nenhuma",

então pode dizer com propriedade que todos merecem estar em atividade, os jovens infratores e ele. Diante desse quadro, começo a relacionar esse aspecto do trabalho com outra unidade de sentido: *quando alguém vem me amputá alguma coisa*.

Nos que eu trabalhei, eu fui bem recebido e aprendi, e até hoje eu tô aqui. Eu sou estourado, claro que sim. Sempre quando alguém vem me amputá alguma coisa que eu não vi, beleza eu vou estourar, mas caso contrário não. Sou mais diplomático em qualquer relação que for.

Esse ato falho, ao invés de "apontar", usa a palavra "amputar", salta à minha percepção. O que as pessoas amputam dele além de sua perna? No momento em que lhe escapa essa palavra, ele ainda nem tinha começado a falar sobre sua amputação, o que só reforça o quanto, na verdade, ele vem falando sobre ela desde o início. Carlitos se caracteriza como uma pessoa diplomática ao longo de toda a sua narrativa, mas quando revela que "estoura" não entendo como uma contradição, e sim como uma transposição de um limite. Amputar ultrapassa limites, invade seu corpo, é uma violência da qual ele tanto fala em seu discurso político e moral. E aqui ele não está falando somente de uma amputação que se dá no corpo físico, mas em seu ser - quando alguém diz que ele não viu algo que ele já viu sim, então amputa (retira o que ele viu); quando alguém diz que ele não sabe sobre uma coisa que ele sabe sim, então amputa (retira o conhecimento que ele tem, sua inteligência); quando alguém reduz suas oportunidades de emprego por ser uma pessoa com deficiência, então amputa (retira seu trabalho). Isso é desrespeitoso, isso o faz estourar. Logo, uso essa unidade de sentido para me referir a todos os aspectos que ele traz sobre as injustiças que sente em sua vida e questões políticas e morais que o impactam.

Sua relação com empregos é permeada por dificuldades e, após a amputação, pela falta de oportunidades. Essa relação entre o trabalho e a amputação é percebida também quando, durante a entrevista, ele só chega ao momento de falar diretamente sobre sua amputação quando precisa falar sobre o trabalho que tem hoje. Entendo essa sequência de narração como "tenho o emprego que tenho hoje porque algo me aconteceu", logo, para falar sobre seu

emprego atual, precisa primeiro contar sobre o que aconteceu consigo. Após sua amputação, ficou sem trabalhar por um tempo, recebendo auxílio do governo, mas começou a se aprimorar, realizando alguns cursos de qualificação profissional para pessoas com deficiência. Entrou em um programa em que teve uma experiência em hospital, trabalhando na área de diagnóstico por imagem, pela qual se apaixonou e expressou seu encanto pelo corpo humano.

Nossa, como eu amei aquilo. A a a... as máquina que tinha lá, que saia foto, cara é muito lindo. Corpo humano, eu babo. Corpo humano, ele é lindo, ele é FAN-TÁSTICO.

Depois de quatro meses mudou para a área de nutrição. Manifesta que esses trabalhos o deram oportunidade de aprendizado em áreas que nunca tinha atuado, assim como foi ganhando mais responsabilidades e conquistando a confiança das pessoas com quem trabalhava. Apesar de ter se desenvolvido e realizado um bom trabalho, o contrato tinha prazo determinado e foi encerrado. Diante desse acontecimento, Carlitos expressa seu desapontamento e faz uma denúncia contra a falta de oportunidade para pessoas com deficiência no mercado de trabalho, em áreas que elas gostam e realizam um bom serviço. Assim como denuncia o não registro desses programas como experiências profissionais, dificultando a reinserção no mercado de trabalho, de forma que ele ficou desempregado por mais um tempo. Só conseguiu um novo emprego numa atividade que não se identificou e sentiu-se desrespeitado. Hoje, após mudar de "setor", permanece nesse emprego moldando-se para corresponder ao que é solicitado, ou seja, não sendo próprio e sem escolha para realizar um trabalho que goste e se identifique.

Chateia, entendeu? Porque você sabe que você tem o potencial, pra fazer aquilo que lhe foi determinado. Então isso deveria se colocar como... ã ã... experiência. (...) não tô falando que eles deveriam me contratar, não. É o que é hoje em dia, entendeu? Dê oportunidade, pessoas com deficiência, PCD. (...) Às vezes tem. Tem. ã.... a pessoa... tem vaga e é o que a pessoa, e é o que você gosta. Se você faz

aquilo com amor, você vai fazer bem pra caramba, você vai ser.... perfeito.

*Quando alguém lhe amputa alguma coisa, não há como esconder sua indignação. Amputaram-lhe a atividade profissional pela qual estava apaixonado e ele não disfarça o sofrimento de sua recolocação profissional, de não conseguir alcançar algo que lhe escapou às mãos. Carlitos teve uma experiência de enamoramento com o corpo humano. Já tinha trabalhado com pessoas, mas nesse último emprego voltou a trabalhar com pessoas por outra perspectiva, muito mais próxima do cuidado com o corpo. Antes, não via o que estava acontecendo com o seu corpo e consigo, agora voltava podendo olhar para essas pessoas e contribuir para a saúde delas, o que não pôde fazer consigo mesmo. Esse trabalho, diante o qual Carlitos diz: “qualquer dia eu vou trabalhar ali. Muito gostoso. (...) E quem sabe eu faço o meu cursinho aí pra... pra pra trabalhar nessa área aí”, ocupa uma função de extrema importância em sua corporeidade, na sua relação com seu corpo e com seus sentidos, com a existência e com o estar com o outro, é um trabalho que incorpora sua história e delineia o seu projeto de futuro. Esses trechos constituem para mim o momento de maior vitalidade nos olhos de Carlitos, olhos que falam e amam, que me revelam seu modo de lidar com seu corpo e de ressignificar sua amputação, e que recarregam as esperanças de sua identidade de trabalhador, *trabalhar trabalhar trabalhar*, não só por dinheiro, mas por amor, não só como máquina, mas como corpo, porque o “*corpo humano, ele é lindo*”.*

Essa relação com o trabalho e a indignação diante a não garantia de direitos são conteúdos que me ajudaram a refletir sobre sua aceitação e reabilitação. Seus movimentos revelam não uma paralisia ante o acontecimento da amputação, mas vitalidade e potência.

Aí o senhor apontou pro coto “ah é ruim hein, Carlitos?”, eu falei “não é ruim. Não é ruim por quê? porque eu tô vivo (...).”

A existência se sobrepõe a adversidade de perder um membro, e é diante da perspectiva de continuidade da vida que Carlitos afirma: “*vamo amputá, beleza*”,

frase que utilizo para nomear a unidade de sentido que reúne minha compreensão sobre seu processo de aceitação, amputação (cirurgia) e reabilitação².

Ele falou "Carlitos, infelizmente a gente não vai conseguir segurar, tá? Essa infecção é braba, a gente tentou, tentou, vamo ter que amputar a sua perna". Beleza. Tá, legal. "Vamo amputá?", "vamo amputá". Vamo amputá, beleza, bulãlãlãlã, aquele negócio todo né? Amigo meu ia lá encher o saco! "Nhé nhé nhé", eu falei "mano, chega mano, vai ter que cortar a perna, vai ter que cortar". Eu já tinha aceitado, entendeu? Eu já tinha aceitado.

Foi realizada uma primeira cirurgia de amputação, de dois dedos do pé, diante da qual a doença se estabilizou por um tempo e o sujeito expressou uma certa tranquilidade. Contudo, a amputação dos dois dedos não foi suficiente para cessar o avanço da doença. Sem outra saída, os médicos solicitaram a autorização para a amputação da perna, informando que seria possível obter uma prótese depois. Ele autorizou a amputação da perna expressando uma aceitação, entendendo que esse procedimento era inevitável. Após a cirurgia ele se sentiu bem, considerando a interrupção da dor que sentia como uma compensação para a perda da perna, tendo em vista também que receberia uma prótese.

Então eu já, eu já tinha trabalhado, eu acho, isso na minha mente. Porque, meu, com 43 anos, perdi a perna e... Andar de bicicleta adorava, jogar bola, esse negócio todo. Perfeito, legal. Mas aí... eu não sei o que ocorreu, entendeu? Mas eu tava me sentindo bem depois de amputar. Não é aquele negócio, "pô vou ficar no bem bom", não. Bem bom nada, não é isso. Eu tava me sentindo bem.

Ainda que a amputação lhe impusesse uma perspectiva de limitações, de que não poderia mais fazer algumas coisas que adorava, considera que sua

² Utilizo o termo reabilitação por ser o mais comum na área da saúde, correspondendo ao período de projeto terapêutico pelo qual o sujeito passa após cirurgia de amputação. Contudo, prefiro o termo renovação, que não reduz à uma dimensão de funcionalidade ou de readquirir alguma habilidade perdida, mas amplia a compreensão para a transformação do ser, como coloca Merleau-Ponty sobre a renovação do esquema corporal.

aceitação logo após a amputação foi muito natural. Inclusive, sobre o período de recuperação no hospital, ele diz: “*tá, eu tava me sentindo bem ali. Tinha aquilo, mas tava me sentindo bem ali.*”. A amputação traz sim algumas limitações, mas também cria abertura para novas atividades.

Eu tenho meus meus é... meus arroubos assim, tá? é... aquele baixo astral, entendeu? Mas é aquela coisa que vem, não por causa do meu corpo, não pelo fato que eu não posso mais é... jogar bola, mas eu posso fazer natação, eu não sabia nadar, entendeu? Fiz natação. Fiz, três meses. Amei.

Hoje, após 10 anos de sua amputação, Carlitos já parece ter muito bem elaborada sua vivência de amputação, mas consegue trazer encoberto o que compreendo como o sofrimento vivido. Para Merleau-Ponty, “o presente ainda conserva em suas mãos o passado imediato, sem pô-lo como objeto, e, como este retém da mesma maneira o passado imediato que o precedeu, o tempo escoado é inteiramente retomado e apreendido no presente” (2018, p. 106). Isto posto, o passado que me revela é o passado tal como o percebe agora, de modo que através de suas pistas, desvelo o sofrimento oculto neste processo. Quando Carlitos diz “*Bem bom nada, não é isso*”, “*tinha aquilo, mas tava me sentindo bem ali*”, “*meus arroubos*” e “*aquele baixo astral*”, me pergunto: não é isso, é o que então? tinha aquilo o que? que arroubos são esses? que baixo astral? Ainda que não fale diretamente sobre eles, ele me diz de um desconforto, de uma tristeza, de sentimentos e situações ruins. Entendo esse modo de narrar-se como característico de seu modo de ser. Carlitos é um homem alegre, brincalhão, esperançoso e que se delicia com a simplicidade da vida, o que não significa que não há abertura para existir e expressar fragilidades, mas que essa abertura precisa ser cultivada. E ao longo de nosso encontro, sinto que vou preparando esse espaço, através da escuta e atitude fenomenológica, assim ponderando que os 10 anos transcorridos não eliminam o lugar que narrar a amputação tem: é difícil narrá-la, ainda que objetivamente não pareça ser, pois há movimentos intensos de onde o sujeito se faz existir no tempo e no espaço, vivendo no agora os sentidos de seu passado que está hoje consigo.

Quando a realidade se mostra caótica, nossa tendência é a de recusá-la. Sobretudo porque ficamos sem um chão para nos apoiar. Quando retoma sua razoabilidade, podemos nos reaproximar da realidade outra vez e interagir com ela. O resultado é o reencontro de um lugar perdido no seio do mundo. Um mundo que não puder ser narrado não pode ser habitado. (CRITELLI, 2012, p. 33)

Num primeiro momento, portanto, sinto Carlitos afastando-se de seu sofrimento, mas ao narrar sua história, pode integrar e alcançar suas dores. Sem desmoronar-se, consegue me trazer o que vinha encobrendo, e assim Carlitos me narra seu mundo:

E eu saindo fora dali, a aceitação, você sai de uma porta do hospital, sai de lá, é diferente, tá? A rua é diferente. Muito muito muito diferente. (...) Eu fiquei... em casa, eu fiquei... se não me engano, acho que foi... dois meses sem sair na rua, sem sair na rua. Aqui ó (aponta para sua cabeça).

A aceitação que antes ocupava um foco convicto, agora começa a se desarranjar, revelando-se não como utópica e estática, mas como processo, como idas e vindas a cada acontecimento com que se depara. Como uma criança que sai da maternidade e precisa conhecer-se em sua existência nesse novo mundo, para Carlitos, sair do hospital após uma grande transformação em seu ser é deparar-se com seu novo mundo, diante do qual continua seu processo de aceitação numa segunda etapa. Agora, além de aceitar a transformação do seu ser, precisa aceitar a transformação do seu mundo. Não é só o seu corpo físico que muda, é todo o seu ser-no-mundo. Não é só o andar na rua que fica diferente, a própria rua é diferente. O corpo enquanto doador de sentido, se movimenta intencionalmente e percebe a rua, que não é só uma rua para todos, mas é para ele, como se mostra a ele em sua vivência de ser-amputado-no-mundo.

Carlitos, então, manifesta sua dificuldade de adaptação às ruas, além de um processo de aceitação que teve que fazer nesse tempo em que ficou fechado em casa, lidando com sentimentos e adaptações, para não só aceitar que “*se tem que cortar, tem que cortar*”, mas aceitar a amputação como fenômeno, como transformação do seu corpo como um todo e do mundo, e então receber abertura de novas possibilidades para o seu vir-a-ser. A recuperação fora do hospital vai além de uma questão física (cicatrização do coto, aprendizagem do manuseio da

muleta), envolve a elaboração de sentimentos relativos à perda e às limitações advindas dela, assim como a adaptação às atividades cotidianas.

Eu falei "não, eu vou ter que fazer sozinho". Tomei tombo no banheiro. Falei "não, vou ter que aprender". Tem que aprender, eu até brigava com a minha mãe porque você fica nervoso, você quer fazer as coisa, mas você fica nervoso. (...) foi de tombo em tombo, descendo escada de bunda, aqueles negócio todo, até aprender, até eu sair na rua, entendeu? Saí.

O desejo de independência de Carlitos envolveu stress, conflitos com a família, dores e dificuldades, mas o guiou a lidar com eles e a aceitar sua nova condição existencial, até conseguir voltar a sair na rua. Ele traz a adaptação como um processo pessoal - não só no sentido de ser singular para cada pessoa, mas no sentido de ser particular, de ter que ser realizada e elaborada pelo próprio sujeito. Ainda que se tenha o apoio da família, o sujeito precisa conseguir realizar suas atividades em sua potencialidade, explorar suas possibilidades, realizar tentativas, para então reconhecer quais são suas limitações e compreender qual passa a ser sua condição após essa grande transformação em seu ser, assim como a renovação de seu esquema corporal.

A relação com meu corpo é... num num... num mudou, não mudou nada não, tá? Como eu falei, é uma questão de você se acostumar, entendeu? É uma questão de você se acostumar, tá? Como eu falei pra você, cada ser humano é diferente, tem uns que vão precisar de psicólogo, tem outros que não, tem os que vão aceitar bem e assim por diante. Entendeu? É o que eu falei pra você, eu fiquei dois meses ali, mas foram dois com medo, aquele negócio de pessoas olhar, isso e aquilo outro. Então, isso já passô.

Para Carlitos, a relação com o seu corpo não mudou, ele se acostumou com a transformação. Entendo essa fala como uma alegação de sua completude. A relação com seu corpo não mudou, pois continua sendo Carlitos, homem completo, que continua seu movimento de direcionar-se ao mundo e adaptar-se às situações,

ainda que não tenha mais uma de suas pernas. A amputação é um acontecimento que exige grande adaptação, mas não uma habilidade nova que já não tenha sido operada em existência, ainda que em menores ou diferentes dimensões. Merleau-Ponty, ao escrever sobre o hábito - como exposto no item 1.4 deste trabalho -, expõe que esse conceito serve para mostrar que o corpo aprende. “Aprender então, em seu sentido amplo, não significa apenas tornar-se capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer à situação uma resposta adaptada através de diversas maneiras.” (CARMO, 200, p. 88). Carlitos entende esse processo como particular de cada sujeito, que pode ou não necessitar de apoio psicológico. No seu caso, foram dois meses de elaboração, em que sentiu medo. Seu baixo astral mencionado anteriormente, portanto, não vem por causa da mudança em si, de modo que ele diz que o baixo astral não vem por causa de seu corpo pois está falando de uma ligação direta ao corpo físico, mas na minha compreensão o baixo astral é ligado ao corpo no que diz respeito ao movimento que esse corpo faz no mundo e como o mundo o recebe. Logo, não se sente mal com o seu corpo, pois conseguiu se adaptar, a existência se sobrepõe a essa perda, o ser continua. Carmo (2000) apresenta que, a partir do caso exemplar da vida atormentada do artista Cézanne, “Merleau-Ponty apreende que as adversidades não devem ser entendidas como fatalidade, pois somos um projeto e, como tal, temos sempre a possibilidade de superação do ponto de partida” (p.134). Assim, refletimos sobre o que não está beleza, mas compreendemos o “vamo amputá, beleza”.

Cê vai continuar, seu coração vai continuar batendo, seu sangue vai continuar fluindo, sua memória (...) Você vai ter o quê? Você vai ter um membro estranho (segura sua coxa) junto com você aqui ó (aponta pro coto), é isso.

Ainda que o ser continue, em sua dinâmica, batendo, fluindo, memorando, e seja em constante transformação, tendo a condição humana de transpassar as adversidades, amputar uma perna não deixa de ser difícil e sofrido, e recebe-se um novo membro, sentido por Carlitos como estranho, que ganhará uma nova extensão: a prótese. Lancemos-nos então à unidade de sentido: *me falaram que eu vou receber uma prótese.*

Membro inferior esquerdo, quatro palmos acima do joelho, e faz muita diferença esses quatro palmos. (...) na minha casa, no reto, eu consigo andar sem, sem a muleta. Tá? qualquer retinho eu vou andar. Agora, quando eu saio pra rua eu não consigo. Eu não consigo, eu me desequilibro todo.

Quando eu amputei a perna, ã... deu um problema na na quinta vértebra. Ok? (...) Então, aquela prótese do SUS ela não tem amortecedor. Ela não tem um amortecedor, ela é só articulada. Eu comecei a usar ela não deu, começou a doer muito, muito, muita dor, muita, muita, muita dor. (...) Tive que fazer várias infiltrações.

Por sua amputação ter sido quatro palmos acima do joelho a adaptação a prótese, para ele, foi mais complicada, envolveu dores e inflamações na coluna, que foram sanadas após procedimentos de infiltração que foram de risco. Após essa realização teve que fazer fisioterapia e esperar 3 anos por uma prótese mecânica, com amortecedor, e até hoje anda com muleta para não forçar e não provocar o ressurgimento das complicações, assim como não consegue subir e descer escadas.

A prótese tinha sido também para ele uma motivação diante a inevitabilidade da amputação de sua perna. Ainda que não ocupasse o lugar de substituta, ela teve uma parte na expectativa e amparo do sujeito. A essa altura, relaciono essa unidade de sentido, retomando uma anterior: *quando alguém vem me amputá alguma coisa*. Lhe disseram que receberia uma prótese, mas amputam-lhe esse direito. Recebeu uma primeira prótese não adequada a sua condição; ficou 3 anos esperando por outra prótese; recentemente sua prótese quebrou e ficará mais 2 anos esperando. Em sua narrativa denuncia a falta de recursos, serviços e acessibilidade nas ruas e lugares, assim como destaca a diferença dessa falta para as pessoas amputadas que não são paratletas e chama atenção para a necessidade de se olhar para essas questões. A experiência de um amputado atleta não é a mesma que a de um não atleta. Não é adequado realizar essas comparações. As dificuldades que alguém tem não podem ser menosprezadas

tomando-se como exemplo pessoas que têm mais recursos e, portanto, não têm essas dificuldades.

tem muita gente que para e pergunta pra mim, compara muito, você pessoa, com o pessoal de paraolimpíada e esse negócio todo. É completamente diferente. Eu posso até dizer que é outro mundo pra eles. Aparelhagem de primeiro mundo, prótese de primeiro mundo, tem tudo pra eles. Coisas que o SUS não tem. (...) Não compare, tá?

Além dessa comparação com o mundo das outras pessoas, Carlitos diz mais sobre o seu mundo na relação com os outros.

tinha outras pessoas que ficavam olhando, entendeu? criança principalmente, criança, toda criança. "Olha mãe, um homem sem perna" (faz voz de criança), mas eu não senti é é é... ofensa. Eu me senti ofendido pelo fato do quê? Pelo fato da mãe chegar e falar pra criança assim "ai filho, não faz isso, para! ai coisa feia, deixa, o home tá sem perna".

Não se sente ofendido com a curiosidade das crianças e sim com a postura das mães, que ao advertirem os filhos expressam preconceito. Diante dessa situação, defende que, se a criança tem interesse, deve poder ver e receber a explicação sobre o acontecido, um problema que foi resolvido e não um defeito. O incômodo de Carlitos não está no corpo físico, mas na falta de respeito e acessibilidade, e nos olhares das pessoas que são direcionados a esse corpo. Em sua vivência percebe muitas pessoas que não respeitam os direitos das pessoas com deficiência, por exemplo nas filas preferenciais, mas omite-se de qualquer enfrentamento pois aprendeu que essas situações geram conflitos e ele não sabe se conseguiria controlar sua reação e agir de acordo com seus princípios diplomáticos. Assim como pede que as pessoas não olhem de cara feia, o que considera falta de empatia, também pede que outras pessoas não o defendam ou tentem falar por ele, assim como não o bajulem. As pessoas só precisam respeitar sua condição e seus direitos. Os direitos das pessoas com deficiência se configuram numa luta constante e que, para ele, deveria ter participação de todos.

Carlitos carrega essa mensagem em sua narrativa desde o início do nosso encontro. No começo de sua fala, muito antes de falar sobre si e sua amputação, diz que as pessoas não dão valor para a vida e não há respeito, valores que são fundamentais para ele desde sua infância e em sua família. Traça o paralelo entre sua vivência e outras vivências de discriminação (morador de rua, usuário de drogas, jovens infratores), e defende que independente de sua condição, uma pessoa deve ser respeitada, revelando-me o quanto o desrespeito para ele é um produtor de sofrimento.

Esse aspecto que venho tentando expressar desde o início de minha análise se repete ao longo de todo o encontro. Carlitos tem uma fala em que o jogo de ocultamento e desocultamento se dá o tempo todo de forma muito marcada. Uma fala não linear, que pode parecer desorganizada, em que em alguns momentos ele pode parecer confuso ou não conseguir situar o ouvinte sobre o que se está falando, mas tudo está interligado em sua trama de significados e nesse jogo de vai e vem temporal. Ele não traz uma cronologia formal e sim um tempo próprio, não só do vivido, mas de sua vivência presente de narrar a amputação a mim. A narrativa de Carlitos é recheada de historietas, como Dulce Critelli (2012, p.48) nomeia os relatos elaborados de episódios vividos que expõem problemáticas, são carregadas de significados, expressam juízos morais e se estendem no tempo. Sobre a nossa história, a autora diz: “se precisarmos contá-la, o habitual é fragmentá-la em episódios esparsos. Escolhemos os mais significativos, com certeza, mas nunca os correlacionamos intencionalmente” (CRITELLI, 2012, p. 51).

Carlitos quase não estabelece um diálogo verbal comigo. Eu praticamente não falo nessa entrevista, ele fala consecutivamente, quase sem pausas e num ritmo que, para mim, é mais acelerado. Mas o tempo todo estou dialogando com ele com os meus gestos, expressões faciais, risos, concordâncias... vou dando abertura e tentando transmitir segurança para ele me narrar sua experiência que foi, também, sofrida. Não só narrar a mim, mas também narrar para si mesmo, dizer em voz alta, lembrar, nomear. Seu corpo fala e sente.

Enquanto falamos, organizamos os fatos em uma cadeia de relações significativas. Essas cadeias de relações funcionam como mapas dos acontecimentos e de alguma maneira nos oferecem direções para lidar com eles. Interferem nas nossas emoções e podem modifica-las. [...] Esses pequenos relatos indicam para os

outros e para nós mesmos o que faremos e deixaremos de fazer. Iluminam uma imagem de nós mesmos. Traçamos, com esses relatos ou pequenos relatos, um perfil em que nos vamos acomodando. E que vão orientando os outros sobre como lidar conosco. (CRITELLI, 2012, p. 43-44)

Tenho a impressão de que ao longo de sua narrativa ele vai se sentindo mais à vontade para se expor mais, vai se abrindo nesse jogo de encobrimentos, e finalmente permite-se falar sobre essas dores que co-narrei acima, nomeando o que não estava “bem bom”. Desrespeito, ofensas, preconceito, raiva, nervosismo, dor, dependência... até que o choro aparece.

você vai trabalhando o seu interior. Tá? E esse tipo de... é... algumas coisa vão te ofender, outras não, e você tem a capacidade de deixar pra lá, entra por aqui e sai por aqui (apontando para um ouvido e outro). (...) eu chorava, mas... transformava isso em aprendizado.

E quando o choro aparece cria-se condições para aprender, numa renovação do hábito, do corpo que somos, e da capacidade que temos de lidar com os nossos “arroubos”. A experiência foi ensinando-o a não se abalar com toda ofensa e a ser mais diplomático nas situações de conflito, o que não significa que não seja mais afetado por elas, mas que agora tem mais recursos para enfrentá-las. E esse aprendizado deu-se não só na relação com as pessoas que o desrespeitavam, como teve a grande participação das pessoas que estavam junto com ele. Chegamos por fim a última unidade de sentido: *você não fica sozinho ali*.

Carlitos ficou em recuperação no hospital até a cicatrização do coto, lá recebeu a muleta e teve muito contato com outros pacientes. Sua narrativa sobre esse período traz o espaço de reabilitação do hospital como um lugar coletivo, de compartilhamento de experiências e apoio entre os usuários. Para ele, a construção de um espaço terapêutico se dá pela brincadeira e risada, além de a oportunidade de ajudar outras pessoas ser uma forma de trabalhar a sua própria aceitação.

é legal também no hospital porque ã ã ã ã ã... você não fica sozinho ali né? (...) Eu era muito palhaço, brincava com eles pra caramba. Até então porque eu não tava sentindo mais dor, entendeu? conseguia me movimentar. Eu ia zoar com eles,

entendeu? Era muito, muito gostoso isso. (...) eu consegui dar um pouquinho de mim, consegui fazer eles rir, consegui dar risada, andei, fiz o negócio todo pra eles, né? (...) dá uma força, entendeu?

A infelicidade esteve presente quando sentia dor e sua doença avançava. Mas a amputação lhe trouxe vivências prazerosas com as pessoas que conheceu no hospital, das quais inclusive sente falta. Carlitos também pôde contar com o apoio de sua família, ainda que quisesse independência e se irritasse com sua mãe. Desde o início de sua narrativa, nos conta sobre sua família, sobre as pessoas dos seus empregos, amigos e as que conheceu no hospital. Os relacionamentos constituem o seu cuidado em rede. Também fizeram parte desse cuidado os profissionais com quem teve contato. Os médicos, a psicóloga no hospital que realizou uma conversa pós-cirúrgica, a assistente social que orientou sua retomada profissional e a fisioterapeuta que guiou sua adaptação e orientou quanto suas dores e complicações. A fisioterapia é entendida por ele como um processo difícil, mas primordial para a reabilitação após amputação. Porém, considera que sua oferta ainda é muito insuficiente, pois deve ser frequente e de qualidade. Sua crítica também se estende aos outros serviços de saúde, transparecendo o descuido em contraposição às relações de cuidado, como quando me diz que não sabia o que fazer quando descobriram o seu quadro, o que me fez questionar onde estava a orientação desses médicos? Ou quando me diz das complicações e dores que se seguiram a sua primeira prótese, o que me fez questionar onde estava a atenção ao sujeito ao avaliar sua necessidade de prótese, acompanhar sua adaptação, realizar ajustes e conhecer esse corpo, não como mecânica de encaixe (uma peça para colocar no lugar da perna amputada), mas como corpo que é unificação de sentidos. Para garantir esses cuidados é preciso se aproximar e deixar que o próprio sujeito fale sobre sua experiência de amputação e como quer ser tratado.

Pessoas também te ajudam? Amigo seu te ajudam? Ajudam. Ajudam sim. Tá? Ajudam... Mas, é aquele negócio: tá, já saí com uma pessoa? sai, pergunta "que lado que eu devo andar?" ou "onde que é melhor pra você?". Legal! Bom, pergunta. Isso é legal.

Carlitos nos chama a atenção para esses cuidados, faz denúncias e se mostra o tempo todo nesse movimento de nos orientar e de pôr em questão nossos preconceitos. Nos ensina que a amputação compõe a sua identidade, que sua temporalidade é singular, de modo que assim como o outro precisa, para estar ao seu lado, reduzir a velocidade - pois sua velocidade com a prótese e muleta não é a mesma que a de uma pessoa que anda com as duas pernas -, também precisa aprender a esperar, a se aproximar, a escutar, respeitando inclusive sua espacialidade e escolhendo o lado certo para andar junto dele e não o lado da correnteza de violações que lhe invadem e amputam. Carlitos é esse homem que fala de amor e respeito, é esse palhaço da alegria do hospital, e também fora dele, é esse entrevistado que fala gostoso e rindo, que sonha e tem um projeto, mas é também um sujeito de direitos, indignado e que expõe o seu corpo, que é poético, mas é também político. Por isso, o nomeio Carlitos, o personagem de Charles Chaplin, palhaço e crítico, que mesmo romântico e provocar do riso, nos mobiliza a pensar e olhar as injustiças da vida. Assim Carlitos nos chama: encontremos o corpo perdido!

4.3 Ser-amputado: corporeidade como identidade

As narrativas que formam esta constelação revelam a experiência de amputação enquanto um fenômeno identitário de transformações, não só do corpo físico, mas do movimento desse corpo que é consciência encarnada e se lança no mundo. Ao narrar o caminho de afetação que vivi com cada participante, pude explorar unidades de sentido que permitiram compreensões sobre esses corpos que são-no-mundo, que passaram por uma cirurgia, que sofreram, que se recuperaram, que foram protetizados e que se fizeram vistos e em sentido. As unidades de sentido de Honda que formaram esta constelação foram: *ser-motoqueira: moto como extensão do corpo; eu adoro a minha prótese; uma vida corrida; eu vou ver no que vai dar; a gente não é lagartixa; e meu pé tá aqui*. Já as unidades de sentido de Carlitos foram: *foi um descuido meu, mas eu não sabia; trabalhar trabalhar trabalhar; quando alguém vem me amputá alguma coisa; vamo amputá, beleza; e me falaram que eu vou receber uma prótese*.

Como exposto na introdução deste trabalho, a amputação pode ser causada por diferentes fatores. Tivemos aqui um acidente que nos fala da inospitalidade do mundo e mutabilidade da experiência humana, como coloca Dulce Critelli (1996, p. 19) “a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza”. Não atingido por um acidente como Honda, Carlitos nos traz uma outra dimensão, a do adoecimento. Ainda que se pudesse fazer algo para prevenir ou tratar, não foi ele quem colocou essa doença em si. Essas duas dimensões, cada uma à sua maneira, nos revelam o caráter de acometimento da amputação, abalo à forma habitual de ser, para o que não se está preparado e não há interpretação prévia - ainda que previsível no caminho de adoecimento, seja de um problema vascular, seja de outro, chegará ao sujeito como inusitado, por só então ter alcançado o seu mundo.

Independente à etiologia, a amputação é um fenômeno que representa morte, mas anuncia vida. Diante a morte de um esquema corporal, resgata o corpo de uma ameaça e renova a vida. Ser amputado é um novo modo de existir corporalmente no mundo, modo que se constrói a partir da elaboração de um luto, ainda que as formas de lidar com esse evento sejam as mais diversas e muito singulares.

A possibilidade do corpo completo ainda está viva quando um membro é amputado. O fenômeno da amputação põe em questão qualquer pré-compreensão de corpo, iniciando um novo corpo, uma nova manifestação da existência. É pela condição da corporeidade que o humano produz sentido e pode ser no mundo, pode se estender para além de seu limite pele, mover-se com as coisas e percebê-las. O corpo habita o espaço, mas não é apenas essa massa objetiva. Essa espacialidade confunde o corporal à corporeidade. Ser corpo é ser muito mais que só ter um corpo. O estranhamento do membro fantasma se insere nessa confusão, na tentação de pensar previamente o corpo como físico. Logo, se uma parte falta no espaço, não poderia ela ainda estar ali. Mas, o corpo é também unidade de sentidos e, portanto, ainda é completo no ser amputado. Ainda que Carlitos não tenha apresentado o fenômeno do membro fantasma, como relatou Honda, estendemos essa reflexão para o membro que se faz presente independentemente do modo como o faz, podendo se fazer, por exemplo, pela memória. Ainda que a manifestação do membro fantasma não se dê em todas as pessoas amputadas, a

questão essencial é justamente a experiência que cada uma tem de manter sua completude, a integração do corpo próprio que se dá na manutenção da plenitude no mundo, elaborando e suprimindo a falta, seja pela percepção de que “*meu pé tá aqui*”, seja pela recepção de um “*membro estranho*” (coto) que se forma nesse lugar. Nesse ponto, abarcamos não somente a minha compreensão do fenômeno, mas esse processo de compreensão que cada sujeito teve que se implicar em sua história, à medida que o mundo interrogava-lhes uma perna que não tinham mais.

[a compreensão] Trata-se de uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliando-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo. (...) é a maneira especificamente humana de estar vivo, porque toda pessoa necessita reconciliar-se com um mundo em que nasceu como um estranho e no qual permanecerá sempre como um estranho, em sua inconfundível singularidade. A compreensão começa com o nascimento e termina com a morte. (ARENDT, 1993, p. 39 apud CRITELLI, 2012, p. 25)

Essa compreensão se deu como motor do processo de recuperação, um corpo que compreende o mundo e a si, o que me faz de imediato entender que Merleau-Ponty nos ensina que nosso corpo é fenomenológico. E ao falar de recuperação, faço uso das palavras de Jailton Melo (2015, p. 92), “essa recuperação trazida sinaliza não somente uma recuperação no sentido de ‘sara a cirurgia’, mas denota um modo de recuperar a ação de existir”, e acrescento a esse modo o sofrimento como inerente ao processo. Honda transmitia uma imagem de força e superação, uma mulher que se recuperou muito rápido, que é forte, inclusive, pratica halterofilismo, e que aceitou de pronto e se adaptou bem à amputação. Até o momento que começa a deixar transparecer, ainda que não recobrando a amputação de intenso sofrimento, seu choro e sua dor, dimensão que inevitavelmente se faz presente. Carlitos, de maneira ainda mais enfática, nos relatava sua aceitação praticamente imediata e tranquila, um homem alegre, ativo e de bem com a vida. Até o momento que se deixa ressumar em sofrimento, narrando sua dor e suas dificuldades. Os dois participantes que se expressavam de forma muito positiva e tranquila em suas histórias, nos revelaram essa dimensão oculta do sofrimento inevitável, que é se enlutar pela amputação de seu corpo.

Escrevendo o parágrafo anterior lembro-me de um grifo que fiz numa leitura indicada pela minha orientadora. “Ponha-se no seu lugar!”, é um livro de literatura

infanto-juvenil que narra a crise de identidade de Lucas, um garoto que perde seu nariz. A autora Ana Pacheco (2020) escreve sobre uma cena em que o garoto não consegue se concentrar no desafio de matemática: “A falta se misturava ao enunciado dos problemas e, assim, embaralhavam-se os números e a vida.” (p. 21). A mim, esse trecho comunica de forma tão rica sobre a nossa percepção, sobre como um evento em nosso corpo nos embaralha a vida, sobre como a partir da amputação não é só o andar que muda, é todo um conjunto de significações sobre o viver, é todo um esquema corporal que se transforma na relação com o mundo, a ponto de se chegar a afirmar que “*a rua é diferente*”.

Aceitar a experiência de amputação não é apagar o sofrimento e dizer que viver sem uma perna é melhor do que antes. Nem 30 reais nem outro elemento alcançaria o valor da perda de Honda, se pudesse ela voltaria atrás. Carlitos não viu o que estava acontecendo consigo, e ainda que tivesse se cuidado mais, estava diante um acometimento que lhe atingia a vida. Aceitar a amputação é valorizar o corpo, é reconhecê-lo como ser-no-mundo, para além de sua concretude. Não é abandonar as memórias da perna amputada e negar as limitações, muito menos dizer que é fácil e está tudo bem como se nada tivesse acontecido. Aceitar a amputação é apropriar-se de sua experiência de transformação, reconhecer o sofrimento e ainda assim seguir em busca de um futuro, sem se deixar reduzir, como foi reduzido seu corpo físico. É abrir-se, como corpo lançar-se ao que o mundo lhe mostra nessa nova percepção, e redescobrir suas potências em novos possíveis projetos de vida, algo que a lagartixa não faz, pois “trata-se de comportamento situado no nível do vir-a-ser, que falta ao animal” (CARMO, 2000, p. 85).

Viver um corpo amputado, mais do que viver em constante transformação – pois assim todos vivemos -, é viver em remanejamento de limites impostos. Um corpo amputado, demarcado concretamente pela limitação, se movimenta, enquanto corpo que é ação criadora do mundo, em busca de outros modos de viver as situações. Honda busca ver no que vai dar ao modificar sua atividade, confrontando o limite ao subir em um triciclo e levantando peso na academia. Carlitos, em sua dinâmica de trabalhar trabalhar trabalhar, busca formação para alcançar o trabalho almejado e poder ocupar espaços em que não autorizam esse

corpo amputado estar. Corpos amputados são corpos que invadidos por limites os deslocam e transformam seu existir, não limitando-se.

Sinalizar o corpo amputado a partir desta ideia de limitação é lembrar, mais uma vez, do seu esquecimento no decorrer de sua historiobiografia: é esquecer que antes de qualquer concretude, o corpo humano compreendido como existencial, habita o mundo, ou seja, é vivido e experienciado, rompendo com a interpretação da tradição metafísica para compreendê-lo como fenômeno. (MELO, J. 2015, p. 36)

Entendendo, então, que o corpo amputado não é um corpo limitado, refletimos também que o corpo amputado não demanda substituição. Considerando o já explorado sobre não buscar uma verdade absoluta, não pretendi com este trabalho encontrar uma verdade sobre a prótese, medir o tempo de demora da adaptação a ela e de fisioterapia, quantificar a dor, e discernir se a prótese é ou não estranha ao sujeito. Notamos, inclusive, vivências narradas com afetos muito diferentes em relação a ela, *“eu adoro a minha prótese”* e *“me falaram que eu vou receber uma prótese”* compuseram duas unidades de sentido peculiares que corroboraram para a defesa de que não há objeto que não seja objeto para uma consciência. Como coloca Carmo, “é da essência da própria coisa e do próprio mundo permanecerem abertos a nós. Todo objeto só tem sentido sendo para nós, em cumplicidade com nossa consciência perceptiva” (2000, p. 44). O que posso então apreender da experiência de protetização não é uma verdade objetiva sobre a prótese, mas seu significado na relação com o sujeito amputado, o invariável do fenômeno, que se dá pela condição da corporeidade. Merleau-Ponty escreve:

Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 199)

Essa prótese que o sujeito anexa a si é também seu corpo, em seu novo modo de existir. Pode aparentar substituir a perna em objetividade, mas quando falamos de corpo não existe objetividade apartada de uma subjetividade. Não podemos falar de uma prótese, sem falar de suas implicações, do sentido que provoca no sujeito, e do que ela, como extensão do corpo, toca o mundo. Isto posto,

interpreto como essência a prótese como essa integração ao corpo e abertura de novas possibilidades – aqui, sem julgamento de valor, possibilidades tratam-se de desdobramento possíveis, o que não devemos vir a confundir com oportunidades e positivities -, de modo que transcendente as dificuldades ou facilidades, a presença ou ausência de dor, a prótese ocupa na corporeidade do sujeito o lugar de movimento no mundo e ante as novas experiências.

Por falar em movimento, a ruptura que a amputação provoca no projeto de vida que se vinha encaminhando reforça a importância de ter um projeto de futuro após a amputação, que fortaleça o sujeito na recuperação e dê sentido ao seu existir. “O futuro é uma promessa que fazemos a nós mesmos e com a qual nos comprometemos de alguma forma, mesmo que não nos empenhemos para realizá-la” (CRITELLI, 2012, p. 81). Ainda que a realização desse projeto dependa de outras pessoas e das circunstâncias da vida, tê-lo é um compromisso consigo mesmo, com sua existência. Dar sentido a existência é direcionar-se ao mundo e articular-se à vida, é voltar-se para o possível, em direção a um projeto, o que diz muito sobre quem esses sujeitos são. Como escreve Carmo (2000, p.79), “o humano não vem dotado de uma conduta preestabelecida, rígida, está aberto a respostas improvisadas e criativas, vai além do real, concebendo uma multiplicidade de possíveis. Seu corpo é visto como expressão e realização de intenção, desejos e projetos”.

A despeito da singularidade de cada sujeito, que experiencia a sua vivência de amputação de modo muito particular, a narrativa sobre o fenômeno nos traz, em essência, a amputação como identidade e não como redução do ser. A corporeidade é a realização da existência humana, existência de um corpo que é identidade. Quando reflito sobre a corporeidade e identidade de Honda, não estou fugindo ao tema da amputação ao falar de sua relação com a moto, estou reforçando que Honda é corpo, que é este corpo que vivencia a amputação, e que em seu tempo e espaço se identifica como projeto, em potência, move-se então a Honda motoqueira, mulher halterofilista, que tem a paixão pela moto e pelo esporte inscrita em seu corpo e constituinte de sua identidade. Quando reflito sobre Carlitos e me deleito na conarração de sua história de trabalhador, não estou fugindo da temática do corpo, mas estou falando de um corpo que trabalha, de um corpo que é ou não reconhecido pelo sistema, de um corpo que sente e se apaixona, que se

entrega à atividade humana. Ao falar do ser-amputado estou o tempo todo falando de um corpo que não é objeto, que não é mero mecanismo receptor ininteligível, estou falando de um corpo que é identidade, que é metamorfose, que é expressivo, que sente, que é consciência encarnada e que nos confere a existência no mundo. “A subjetividade é reconhecida como elemento de construção de nossa identidade, do Eu corpo” (FRANCO; SANTOS; CAMINHA, 2020, p. 10).

A história da corporeidade, que se revelou ao meu olhar na minha relação com Honda e com Carlitos, me encaminhou a compreender que a amputação é, para muito além de uma experiência física, uma intensa vivência de corporeidade. Entendendo, portanto, que nosso corpo não se limita ao contorno pele, e não se reduz à dimensão orgânica, ser corpo constitui a nossa identidade. E na história de Lucas, que perdeu seu nariz, a escritora Ana Pacheco questiona: “Como se livrar dele sem perdê-lo para sempre?” (PACHECO, 2020, p. 38), ao que entendo em meu encontro com Honda e Carlitos, que se livraram de sua perna, deixando-a ir no sentido de não se aprisionar ao fantasma de negar sua condição e sim aceitar sua perda, mas nessa elaboração não a perderam para sempre, pois a perna está presente na ausência, em suas histórias e em sua identidade de ser-amputado no mundo.

4.4 Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado

Esta constelação é formada por narrativas que indicam sobre a atmosfera relacional da amputação, sobre como esse fenômeno se contorna e é entrelaçado pelas trocas com as pessoas, atravessado pelos olhares e amparado pelo cuidado, que se dá enquanto corpos em relação. As unidades de sentido de Honda que formaram esta constelação foram: *mas eu sempre tive... apoio e a gente não é lagartixa*. As unidades de Carlitos foram: *quando alguém vem me amputá alguma coisa e você não fica sozinho ali*.

Na fenomenologia existencial, quando falamos do humano falamos de uma singularidade, mas não de uma individualidade exclusiva.

Quem alguém é não se constitui como um eu individual, pois o *quem* é um *eu coexistente*. Assim, no seu ser-no-mundo, a ação de cada homem, porque desdobrada sobre sua possibilidade

originária de *ser-com-os-outros*, não é jamais individual. (CRITELLI, 1996, p. 64, grifos da autora)

No capítulo IV da segunda parte de seu livro “Fenomenologia da Percepção”, nomeado “Outrem e o mundo humano”, Merleau-Ponty discute a existência humana não num mundo físico e natural, simplesmente, mas num mundo cultural que traz a “marca da ação humana” (2018, p. 465), sendo a linguagem o “objeto cultural que vai desempenhar um papel essencial na percepção de outrem” (2018, p.474). Para além da condição de *ser-com-o-outro*, Merleau-Ponty - assim como amplia a consciência intencional para uma consciência encarnada/perceptiva - agrega à essa condição a mediação da percepção de outrem pelo esquema corporal. O corpo próprio de Merleau-Ponty, que forma uma unidade com o mundo, forma também com os outros corpos que o habitam (VERISSIMO, 2012, p. 221).

é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu formam um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 474)

Merleau-Ponty, então, amplia a concepção Husserliana de intersubjetividade, radicalizando a compreensão do *ser-com-o-outro* para além de uma “intersubjetividade concebida a partir da consciência intencional, mas sim a partir da experiência do corpo, propondo o campo da intercorporeidade” (COELHO JUNIOR, 2002, p.100). Esse conceito surge mais ao final de sua obra, no livro “Signos”, publicado em 1960, onde explana mais sobre as vivências intercorpóreas.

Se, apertando a mão de um outro homem, tenho a evidência de seu ser-aí, é porque ela se coloca no lugar de minha mão esquerda. No aperto de mãos, meu corpo anexa o corpo de outro numa 'espécie de reflexão' cuja sede, paradoxalmente, é ele próprio. Minhas duas mãos são 'co-presentes' ou 'co-existem' porque são as mãos de um só corpo; o outro aparece por extensão desta co-presença. Ele e eu somos os órgãos de uma só intercorporeidade. (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 212 apud COELHO JUNIOR, 2002, p. 100)

Assim como um corpo não é mero objeto, também não percebe outro corpo como tal. O corpo próprio, fenomenal, é o corpo que não ignora a concretude do

corpo objeto, mas transcende-o, sendo intencionalidade encarnada na existência corpórea. “O corpo, que tanto pode sentir e ser sentido, ver e ser visto, não é apenas objeto nem apenas sujeito; ele está entre os dois e é assim que devemos compreendê-lo: como corpo próprio ou corpo sujeito” (FRANCO, SANTOS, CAMINHA, 2020, p. 7). Quando Honda relata sua experiência de enfaixamento com seu filho, nos revela esse corpo fenomenal, que é objeto de cuidado, mas é também mediador da relação. Honda nos fala dessa coexistência, das mãos que enfaixam como mãos de um só corpo, que naquele momento não são as mãos objetivas de seu filho, mas são as mãos de ambos, que enfaixam juntos, que são tocadas pela fala de Honda que guia a intensidade, que percebe e manifesta a dor.

*tinha um lugarzinho que ele apertava que começava essa dor.
Então eu percebi que eu pedia para ele soltar um pouquinho
a faixa, o enfaixamento, a dor passava.*

O enfaixamento do coto de Honda era realizado pelo filho, numa relação de cuidado, em que ela o orientava sobre como realizar conforme o que sentia, ou seja, aumento ou redução de dor. Nesse processo, foi reconhecendo o seu corpo. Sua voz de guia torna-se também suas próprias mãos. Honda e seu filho, são órgãos de uma só intercorporeidade, assim, não falamos só do corpo que é cuidado, mas do corpo que cuida. Honda também fala sobre seu filho e seu marido darem contorno ao seu corpo para ela não cair da muleta.

Carlitos também traz falas sobre sua família e pessoas com quem estabeleceu uma importante rede de apoio no hospital, mas eu gostaria de destacar um relato muito ilustrativo para nossa exploração. Em determinado momento de sua narrativa, manifesta uma indignação ao relatar que os filhos das senhoras que moravam no apartamento em que trabalhou não as visitavam, só ligavam por telefone. Quando diz “*vai, abraça, vê*”, está dizendo da importância de um cuidado que é corporeidade, e que é para si também e não só para as senhoras. E aqui não reduzo a intercorporeidade como presença, não digo que ela só se dá quando os corpos objetos se encostam fisicamente, mas compreendo justamente a ausência como uma das formas de intercorporeidade, a intencionalidade de um corpo que se dirige ao outro também na ausência, que não compartilham espaços, que não se abraçam. Palavras também poderiam abraçar o outro, mas, nesse momento,

entendo a narrativa de Carlitos como uma demanda de encontro de corpos em sua totalidade, em sua integração de sentidos. Nesse trecho, talvez, ele expresse indiretamente, assim como Honda, o quanto esse cuidado integral é importante para si e para a vivência de amputação. Amputei, *“mas eu sempre tive... apoio”, “você não fica sozinho ali”*.

Honda e Carlitos, então, nos trazem em suas contações sobre suas famílias e amigos a importância da presença e do cuidado que se dá no ser-corpo-com-o-outro, para a elaboração de suas vivências de amputação.

É no outro que o ser humano se reconhece, ao ver e ser visto, tocar e ser tocado, falar e ser falado. A partir da experiência de uma pessoa com outra é que se torna possível uma reflexão de si, um retorno a si mesmo. Neste sentido, o ser si mesmo se faz possível na coletividade, por meio da linguagem e da experiência de viver no mundo com os outros. (LOURIDO, 2017, p. 41)

Esse cuidado compreendido nas narrativas dos participantes, me pareceu essencial para apropriação de sua nova condição de amputado, da transformação de seu ser-corpo, dos novos sentidos atribuídos à existência. Por outro lado, outras configurações de relações também participam da trama de significações, como exemplo, as relações de preconceito manifestas. Ao passo que a narrativa de Honda resgata a humanidade ao afirmar que *“a gente não é lagartixa”*, Carlitos critica o preconceito e falta de oportunidades, o que salienta como *“muita falta de ser humano” “quando alguém vem me amputá alguma coisa”*.

O lugar das pessoas com deficiência está em constante disputa. O movimento indignado de Carlitos de narrar sua história, põe em questão uma normatividade sobre o corpo humano e explicita o predomínio de certas comunidades discursivas, revelando-nos um corpo que é histórico, que está imerso em um contexto social, e que é lido e traduzido por valores e leis da sociedade em que habita, do seu mundo.

Essa normatização de que o corpo humano necessita de uma composição que age em conjunto com a finalidade de se “programar” como saudável e agir a partir desta representação biológica que recai na anatomia, perpassa o campo da amputação e coloca a pessoa que faz uso de uma prótese como uma pessoa que não é completa, no sentido de completitude dos “membros do corpo”. (MELO, J. 2015, p. 108)

A sociedade que olha o sujeito amputado e o põe em falta é a sociedade que o limita. As limitações advindas de uma amputação não se instalam numa causalidade única e exclusiva ao ato de cortar uma perna. Já falamos aqui sobre a renovação do esquema corporal, sobre o movimento do sujeito de ir em busca de seus projetos e sobre todo um processo de elaboração do novo ser no mundo, transpondo as limitações. Mas, uma das barreiras mais árduas de ser transposta é a limitação advinda do outro, é quando o outro se interpõe, se coloca entre o ser e seu vir-a-ser, e ao olhá-lo diz a seu respeito. O corpo da pessoa amputada olha e é olhado. A subjetividade se constrói nas relações, pressupõe uma intercorporeidade, de maneira que “a identidade de um indivíduo está tramada inexoravelmente com os outros com os quais convive e com o mundo em que habita.” (CRITELLI, 2012, p. 66).

Nunca podemos contar apenas conosco mesmos para a realização de possibilidades. Vivemos num mundo em meio a outros homens que, como nós, agem, falam e interferem em todas as circunstâncias em que com eles também estamos metidos. Vivemos metidos numa teia de relações humanas, como diz Arendt. (CRITELLI, 2012, p. 80)

É desse lugar, de corpo amputado, que Carlitos reivindica seus direitos e solicita um olhar que não se prenda a objetividade, mas que compreenda o sujeito como totalidade. Suas falas convocam todos nós para uma responsabilização, um compromisso social. Ao longo de toda sua narrativa somos chamados a pensar nossas atitudes, nossos valores, nossa participação em seu sofrimento e em sua história, nessa convivência intercorpórea em que nos realizamos no mundo.

Ao ser esquecido pelo mercado de trabalho, Carlitos visibiliza não só o esquecimento do lugar do corpo no decorrer da história humana, mas o esquecimento das próprias pessoas que têm suas existências marcadas pela objetificação de seus corpos, o esquecimento das pessoas amputadas. Esquecido por anos sem receber sua prótese, esquecido por anos sem poder enamorar-se de seu trabalho, cria outros modos de viver seu corpo, de não ser apagado de sua história, e em sua narrativa movimenta-se através dele, no mundo. O esquecimento do corpo, e mais especificamente o do corpo amputado, também se torna perceptível quando nos deparamos com a condução do processo pela equipe médica e com a abordagem do sistema de saúde em geral. O argumento de

substituição de partes, o cumprimento de protocolo, a falta de equipamentos, a demora na distribuição de recursos... Como coloca Jailton Melo (2015, p.100), a vivência do sujeito expõe o “‘desapego’ da equipe médica com quem está para passar por tal procedimento cirúrgico. Parece haver um despreparo. Na verdade, parece haver uma massificação de singularidades. Como que amputar se tornasse natural.”.

A experiência positiva de Honda com a clínica me fez resgatar a valorização do trabalho de reabilitação, a importância de profissionais comprometidos com o outro, com a pessoa que está ali e é corpo, não somente com uma mecânica que deve substituir uma perna. Deve haver não só um encaixe com o coto, mas um encaixe com a experiência do sujeito, uma prótese que entra como extensão do corpo e não substituição, que é sentida, que é aceita. É claro que cada experiência tem sua singularidade, sujeitos que passaram por um processo de adoecimento talvez precisem de mais assistência, fisioterapia, e outros tratamentos, mas ainda assim precisamos iluminar esses trabalhos profissionais na atenção integral à pessoa e não ao maquinário corporal. Como mais uma situação de análise, Carlitos também relata sobre o pós-cirúrgico:

Foi até uma psicóloga também. (...) E... e ela veio conversar comigo depois da... depois de eu ter amputado, porque eles fazem isso, entendeu? (...) falou "eu sou fulana de tal, sou psicóloga, a equipe médica pediu pra conversar com o senhor, ver como o senhor tá." Falei "então tá".

Após a cirurgia, uma psicóloga conversou com ele. O trabalho dessa profissional aparece como um protocolo pós-cirúrgico, que visa saber se o paciente está bem psicologicamente e quais suas condições de sobrevivência (apoio familiar, moradia, auxílio-doença). Por que ela foi conversar com ele? "porque eles fazem isso". Um protocolo é algo padrão, não parece ter tido um sentido singular para Carlitos. Ainda que a psicóloga não tenha falado da forma como ele relata - lembrando, não estamos aqui buscando uma verdade absoluta - essa foi a forma como ele recebeu, foi a forma como a participação dela foi inscrita para ele, a equipe médica quem pediu, sem pessoalidade. Ponderemos também que esse trecho pode conter oculta sua relação com psicólogas, como ele entende esse

trabalho, que pode sim estar envolto por estereótipos e preconceitos. Mas, esse exposto também nos abre a pensar que muito ainda há de ser percorrido pela psicologia para desconstruir esses padrões e concepções sobre o fazer psi e para construir uma atuação profissional na área hospitalar, além de nos abrir a pensar sobre como se dá o trabalho de acolhimento e orientação nos espaços de saúde. O sujeito é olhado em sua singularidade? há espaço para que relate seu mundo vivido? há escuta? ou só o cumprimento de um protocolo que só vê a amputação e não o ser-amputado e como tal corpo se movimenta no mundo.

Portanto, faz-se necessário reedificar um mundo simbólico e relacional em torno do corpo humano que, em vez de ser domesticado ou reprimido, seja estimulado à conscientização de um novo contexto social, pois, provavelmente, agindo dessa maneira, será possível promover vivências diferenciadas que evitem a automatização da vida humana. (FRANCO, SANTOS, CAMINHA, 2020, p. 10)

A reedificação desse mundo pode começar justamente com o encontro desses corpos perdidos, o que significa não só dar voz aos sujeitos amputados, mas ouvir a voz que eles emitem; não só produzir conhecimento, mas valorizar o conhecimento que eles têm sobre si mesmos; não só fazer perguntas, mas reconhecer as respostas de suas narrativas historiobiográficas, em que a experiência de amputação, como uma de suas experiências mais próprias, transparece.

Tem que olhar. Entrar, psicologicamente, tá? Isso é um negócio. Isso que você tá fazendo é perfeito.

Durante o encontro, quando Carlitos me insere nessa rede de relações de cuidado, ele me nomeia, de modo que me dou conta - não mais em escrita, em ideia, e na elaboração da proposta desse trabalho de conclusão de curso -, da potência deste trabalho para mim mesma, que, longe de ser perfeito, me inaugura como pesquisadora. Ao narrar as relações dos participantes, não poderia, nem seria possível, deixar de me afetar nessa experiência de encontro, sendo também corpo com eles.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca do corpo perdido a presente investigação fenomenológica objetivou desvelar a corporeidade do ser-amputado sob a perspectiva de pessoas que vivenciam o fenômeno da amputação, evidenciando a questão de como o corpo do ser-amputado se expressa no mundo em sua totalidade.

Por meio de uma revisão bibliográfica e estudo da obra de Merleau-Ponty, “Fenomenologia da percepção” (1945), foi possível ampliar o olhar sobre a questão do corpo e da amputação, aquecendo o percurso para buscar um corpo que não é fonte de erro, mas fonte de conhecimento e é ativamente imbricado na produção de sentido do mundo e das vivências. A investigação denunciou o lugar de esquecimento do corpo na história, lugar de submissão, de redução à objeto, e promoveu um lugar de escuta, que conferiu voz ao corpo, corpo que sabe, pensa e fala. Mais especificamente em relação ao corpo amputado, o esvaziamento diz respeito a delimitação de regiões de silêncio, uma parte que não existe mais concretamente é silenciada. Esta pesquisa, portanto, caminhou na direção de fazer com que o silêncio do corpo perdido chegasse até nós, nos fazendo compreender onde ele está na totalidade do sujeito que existe como corpo completo. Para tanto, foi realizado um convite a dois participantes, uma mulher e um homem, na faixa dos 50 anos, para que narrassem, em entrevistas reflexivas, suas histórias de vida, numa disposição de compor uma historiobiografia, conceito cunhado por Dulce Critelli (2012).

A escolha pelo pensamento de Merleau-Ponty para embasamento e diálogo nesta pesquisa deu-se por motivos além de sua filosofia do corpo, ou seja, sobre a consciência encarnada, intencionalidade da carne e intercorporeidade, deu-se também por sua concepção de fenomenologia e atitude fenomenológica ao olhar para os corpos no mundo. Desde o início da pesquisa, antes mesmo de contatar os participantes, fui direcionada a olhar para meus próprios pré-conceitos. O que entendia sobre o corpo; ainda mais, o que entendia sobre o corpo amputado; o que esperava dos participantes da pesquisa; quais meus sentimentos em relação a toda essa empreitada; e muitos outros questionamentos. Desde o primeiro dia que escolhi a fenomenologia para composição deste trabalho, decidi-me suspender tudo o que conseguisse. E conseguir depende de perceber, de resistir, de

confrontar. Não é um trabalho fácil, nem só poético. É um trabalho de implicação e de respeito a história de vida que se apresenta diante de mim. Gosto muito quando Magalhães (2021) escreve:

Fenomenológico é o esforço metodológico para ver um fenômeno na maneira como ele se mostra, para ver em um fenômeno aquilo que existe nele, e não mais. O pensamento fenomenológico é uma empreitada de desaprendizado. É um esforço no caminho de um desaprender para que se possa apreender. Apreender o quê? Apreender “que quer que seja” (o que podemos colocar como um outro nome para “fenômeno”). Que quer que seja, que quer que surja, que quer que seja visto, ouvido, sentido, experienciado. (p. 33)

Ver um fenômeno na maneira como ele se mostra não significa vê-lo separado de mim, mas sim incluir-me na análise para que eu possa refletir minhas pré-concepções e assim conseguir preservar a coisa em si mesma. Como colocam Szymanski, Szymanski e Fachim (2019), “trata-se mesmo do processo de pesquisa que traz à luz aquilo que é possível para aquele pesquisador, naquele contexto”. (p. 17). O obtido nesta pesquisa deu-se de acordo à minha abertura e capacidade de redução para aproximar-me de Honda e de Carlitos, de quem eles são, dos corpos que eu procurava. Para essa realização, o esforço de desaprendizado fez-se muito presente em minha trajetória. Eu queria incluir mais procedimentos em meu método, queria trabalhar com mais instrumentos, mesmo antes de conhecer os participantes. Eu criei um ideal de pesquisa que não levou em conta a riqueza do que me poderia ser apresentado na realização da entrevista, que não levou em conta o meu tempo e dimensão de meu trabalho, um TCC. Após o contato com eles, antes da análise, eu estava insatisfeita, eu queria mais, eu queria perguntar pela perna. Em determinado momento de minha pesquisa, ao marcar mais uma conversa com minha orientadora, preparando o que tinha para mostrar-lhe e falar-me, escrevi no diário de bordo “eu não sei mais o que estou buscando”. Porém, quando obtive o apanhado de falas transcritas, quando debrucei-me, com todo meu corpo e abri-me para a história de Honda e Carlitos, eu já tinha o buscado, eu tinha os nossos corpos ali, por inteiro. Não precisava de mais corpo algum, de mais parte alguma, de mais fala nenhuma. Tive que desconstruir um conhecimento prévio sobre o corpo, tive que resgatar meu objetivo de pesquisa, tive que me desapegar de querer ouvir algo explícito sobre uma perna física. Por que falar dela se os

participantes já estavam me falando com seus corpos, sendo-os, sua identidade? “Recair somente sobre como a falta da perna se configurava como estranhamento era esquecer que é um corpo inteiro que experiencia o acontecimento” (MELO, J. 2015, p. 112). Assim, encontrei o corpo perdido, aquele que foi esquecido, ignorado, relegado pela filosofia clássica; encontrei o corpo perdido, a parte amputada que ainda se faz presente no amputado; encontrei o corpo perdido, dentro da totalidade do ser-amputado. Esse encontro se concebeu não só no momento da entrevista, mas a cada resgate da narrativa, durante a transcrição, durante a análise e durante a finalização da escrita deste texto, do início ao fim. A historiobiografia requer um encontro, entre narrador e ouvinte, sendo este o que assume o papel de conarrador e de autenticar a história. Dessa forma, o uso da entrevista reflexiva e do diário de bordo como instrumentos visaram acompanhar a vivência dos participantes e a minha própria.

Pensar fenomenologicamente é fazer esse exercício, e esse foi o maior aprendizado do meu TCC, desaprender sobre o corpo para que pudesse apreendê-lo e apreender que quer que seja que aparecesse a mim, me fazer perguntas, entender meus desejos, o porquê de caprichos pessoais, e o que devia ou não ser levado adiante. Me desliguei de realizar mais, eu não precisava, nem eles. Como Honda, eu também não sou lagartixa, tenho minhas angústias e sentimentos, e aprendi com Merleau-Ponty (2018, p. 10) que “o maior ensinamento da redução, é a impossibilidade de uma redução completa”, reconhecendo que também tenho meus limites e os resultados expressam minha condição de pesquisar nesse momento de minha formação, mas que pude cuidar da maneira como pude. Carlitos se irrita quando lhe amputam algo, e para que eu não lhe amputasse sua história, tive que amputar algumas coisas em mim, esses desejos de excessos e minhas vaidades. Para se chegar a essa aproximação do vivido, portanto, a estratégia de análise usada foi fundamental.

A análise consistiu na junção dos fundamentos da hermenêutica Gadameriana aos da fenomenologia, interpretando o fenômeno através da prática de construção de um quadro de análise a modelo do explanado por Szymanski, Szymanski e Fachim (2019), em que, a partir da seleção de falas dos entrevistados, foram lançadas interrogações de sentido e reflexões, inclusive, evidenciando preconcepções para que pudessem ser suspensas, e assim desvelar o fenômeno.

Esse quadro favoreceu a categorização em unidades de sentido, ao facilitar a identificação de falas sobre um mesmo aspecto da vivência de amputação, possibilitando a posterior organização desses conteúdos pelo princípio de constelações, proposto pelos mesmos autores mencionados.

A primeira constelação, “Ser-amputado: corporeidade como identidade”, perpassou questões mais íntimas das pessoas amputadas, descrevendo sobre ser corpo como constituição de identidade, e a experiência pessoal de amputação, que envolve amor e perda. A segunda constelação, “Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado”, discorreu sobre as relações sociais que se dão ante a experiência de amputação, salientando a intercorporeidade e a especialidade do corpo na mediação com o mundo e os outros. Ao explorar as narrativas e chegar nas constelações, pude perceber o quão interessante foi pensar que essas entrevistas não nos falam necessariamente da falta, mas de sentido, de potência e das possibilidades de ser muito mais que um contorno pele, pois são projeto e são corpo completo. O ser-amputado é uma variação do ser, é uma forma de existência completa, uma maneira de ser-no-mundo. Essas compreensões sobre o fenômeno foram possíveis não por uma construção de explicações, mas pela descrição do que sempre esteve ali, no mundo. Por isso, achei por bem, dar um passo anterior e analisar separadamente a narrativa de cada participante e descrever cada vivência, que se mostrou de modo único e singular. E foi a partir da correlação dos quadros de análise que o trabalho de elaboração das constelações se fez possível, no encontro de convergências e na busca da amputação, como essência.

Preparar o quadro de análise também me concedeu o tempo para amadurecer minha reflexão e a atitude fenomenológica, de modo a não apenas reouvir a fala dos sujeitos através das gravações, mas, também, a partir da transcrição dialogar com as narrativas e poder descrever. Esse método propiciou uma forma de me dar o tempo para refletir essa experiência do encontro, de cuidar da minha prática que está em constante formação e de meu primeiro contato com a investigação fenomenológica. Trago as palavras de Fabíola Freire Saraiva de Melo que tanto me fazem sentido neste momento: “saber refletir sobre uma história vivida, buscar desvelar novos significados, aprender a ouvir e conhecer a si mesmo são tarefas essenciais do psicólogo fenomenólogo.” (MELO, 2008, p. 24). E destaco desta vivência o quanto tive que me ver e rever nesse movimento, não me deixando

esquecer, é claro, do meu querido acompanhante “diário de bordo”, onde anotei meus pensamentos, questionamentos, observações cotidianas, sentimentos e angústias relacionados ao fenômeno estudado e ao processo como um todo, tornando-me uma narradora de minha própria experiência. Muito aprendi e exerci, e sei que muito ainda tenho a desconstruir e compreender. Na busca pelo corpo perdido, encontrei não só os corpos amputados em si mesmos, como encontrei o meu corpo nessa relação, corpos que se fizeram presentes, ainda que na distância do modelo remoto de entrevista on-line.

Essa questão da entrevista por chamada de vídeo me inquietou no início da pesquisa, eu queria realizar presencialmente, julgando previamente que on-line eu não teria acesso aos corpos dos participantes. É claro que presencial e on-line não configuram a mesma experiência, mas tive que desconstruir essa concepção de que o corpo não aparece no on-line. Enquanto estão na entrevista, o corpo de Honda e Carlitos estão sempre presentes. Enquanto falam, estão falando seus corpos, suas histórias. Em determinado momento, Honda diz:

Eu tô falando com você e tô colocando a mão no meu, no meu coto aqui ó e eu tô colocando o dedo no lugar onde foi a cicatriz que eu tô falando pra você e cê acredita que eu sinto lá? eu sinto lá no meu pé

Na entrevista on-line eu não saberia desses toques e sentidos se ela não tivesse verbalizado, pois estavam fora do campo de visão da câmera e sim num campo perceptivo próprio dela. Mas, ainda que ela não tivesse mencionado, compreendo que o corpo é expressivo, enquanto fala se movimenta. A entrevista não é apenas uma comunicação verbal, não é da ordem do racional, somos mente e corpo integrados, não há separação. Enquanto conversamos, seu corpo se expressa, está mediando a relação dela comigo no mundo, sua fala é movida por sentidos, seus sentidos levam-na a falar sobre eles. Nesse momento, ela está se falando a mim através de seu dedo, que toca o coto e sente o pé. Seu pé se faz presente nela e percorre o caminho até mim por sua fala, uma fala que tateia o pé. Me dou conta de que seu corpo se fez mostrar a todo momento ainda que só fosse referido em verbo neste. “Todo o nosso corpo, a cada momento, anuncia o nosso sentido e o significado de nossa existência” (FRANCO; SANTOS; CAMINHA, 2020,

p. 6). Mais à frente Honda também diz que não está usando a prótese durante a entrevista, mas usa o tempo todo e gosta de usar em casa. Por que não a colocou? diz que por não ter dado tempo. Mas entendo como uma manifestação, uma expressão para nossa entrevista. Não ocultar o coto com a prótese, ainda que eu não o veja, ela mostra-o a mim e entrega-se à pesquisa, permitindo-se desvelar como ser corpo que é. Carlitos da mesma forma, em determinado momento de sua entrevista também fala sobre tocar seu coto e não usa sua prótese.

Compreendi que a investigação buscou não só os objetivos descritos anteriormente, mas a minha própria aproximação dos participantes. Sinto que agora posso dizer que entrego um trabalho de conclusão de curso, que finalmente posso encerrar essa etapa de minha formação tendo vivido o pensamento e a prática de olhar fenomenologicamente a existência, e contribuído com um olhar sobre o fenômeno, com o que pôde ser desvelado e a partir de minhas reflexões sobre essa condição temporária do encontro. Este trabalho, portanto, não visou explicação e não se propôs a concluir, muito menos definir uma verdade sobre a amputação para todas as pessoas amputadas, ainda mais por falarmos de ser humano, que é transformação constante e vivência particular e coletiva. E destacar esse limite de pesquisa é necessário, inclusive para que o tema da corporeidade das pessoas amputadas e de como este corpo é visto e reconhecido em nossa sociedade possa ser ainda ser mais explorado, ganhar mais visibilidade, principalmente no que diz respeito às discussões na área da saúde. Ao longo de minha escrita pontuei sobre algumas práticas de atenção integral à saúde, mas reforço a importância do envolvimento de profissionais de saúde que trabalham com essa população, e chamo a atenção para pensar o modo como se dá o olhar para os corpos amputados, como são cuidados ou silenciados em suas relações e como esses profissionais escutam e compreendem como as pessoas vivenciam a experiência de amputação e seu próprio corpo amputado. Eu, ainda que com este pouco, sinto-me encantada e impregnada pela beleza de ser corpo, pesquisadora e corpo em questão.

REFERÊNCIAS

BERGO, Maíra Frizzi da Cunha; PREBIANCHI, Helena Bazanelli. Aspectos emocionais presentes na vida de pacientes submetidos à amputação: uma revisão de literatura. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 47-60, abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa amputada**. Brasília, DF, 2. ed, 2014. 36 p.

CLAPIN, Jeremy. A Conversation with I LOST MY BODY Director Jeremy Clapin, Phil Lord & Chris Miller | Netflix. 31 de jan. 2020. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Netflix. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZO8WEEemiyk>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000, 159p.

CHINI, Gislaine Cristina de Oliveira. **A amputação sob uma perspectiva fenomenológica**. 2005. 138 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

CHINI, Gislaine Cristina de Oliveira; BOEMER, Magali Roseira. A amputação na percepção de quem a vivencia: um estudo sob a ótica fenomenológica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [on-line], Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 1-8, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de abr. 2021.

CHINI, Gislaine Cristina de Oliveira; BOEMER, Magali Roseira. As facetas da amputação: uma primeira aproximação. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 55, n. 2, p. 217-222, fev..2002.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Consciência, intencionalidade e intercorporeidade. **Paidéia (Ribeirão Preto)** [online], v. 12, n. 22, p. 97-101, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/6hm6HYF6DLhrN3HxDw5BSth/a/bstract/?lang=pt#ModalArticles>>. Acesso em: 07 de mai. 2022.

CREMASCO, Maria Virginia Filomena. Algumas contribuições de Merleau-Ponty para a Psicologia em “Fenomenologia da percepção”. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 51-54, jun. 2009.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996, 140p.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012, 104 p.

DE BENEDETTO, Kátia Monteiro; FORGIONE, Maria Cristina Rizzi; ALVES, Vera Lúcia Rodrigues; Reintegração corporal em pacientes amputados e a dor-fantasma. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 85-89, ago. 2002.

DEMIDOFF, Alessandra de Oliveira; PACHECO, Fernanda Gallindo; SHOLL-FRANCO, Alfred. Membro-fantasma: o que os olhos não vêem, o cérebro sente. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 234-239, nov. 2007.

FRANCO, Marcel Alves; SANTOS, Luiz Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Subjetividade, corpo e intercorporeidade a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. **Holos**, v.8, p.1–13, dez. 2020. Disponível em: < <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9620> > Acesso em: 12 mai. 2022.

GARCIA, Elton José Salgado; RIBEIRO, Juliana Fernandes de Souza. A dimensão afetiva e psicossocial da perda na amputação – um estudo de revisão. **Revista Mosaico**, v. 10 n.1, p. 71-78, jan/jun. 2019.

ITZPATRICK, Michael C. The Psychologic Assessment and Psychosocial Recovery of the Patient With an Amputation. **Clinical Orthopaedics and Related Research**, v. 361, p. 98-107, abr. 1999. Disponível em: <https://journals.lww.com/clinorthop/Fulltext/1999/04000/The_Psychologic_Assessment_and_Psychosocial.14.aspx>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LOURIDO, Amanda Martinez. **Desvelar o corpo: compreensões sobre corporeidade no contexto escolar**. 2017, 125 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

MAGALHÃES, Rodrigo Piva Coelho de. **Ser-Homem no Mundo: Uma Vista D’Olhos da Fenomenologia Existencial para Masculinidades**. São Paulo, 2021. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, 2021.

MELO, Fabíola Freire Saraiva de. **Cartas: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico**. 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MELO, Jailton Bezerra. **“O corpo que habito”: possibilidades de compreensão para a experiência do corpo amputado**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Pró-reitoria Acadêmica, Coordenação Geral de Pós-graduação, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. [Original publicado em 1945].

PACHECO, Ana. **Ponha-se no seu lugar!** 1. ed. São Paulo: Ática, 2020, 72p.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 43-51, jun. 2012.

PRICE, E. Marion; FISHER, Keren. Additional studies of emotional needs of amputees. **Journal of Prosthetics and Orthotics**, v. 17, n. 2, p. 52-56, abr. 2005. Disponível em: <https://journals.lww.com/jpojournal/Fulltext/2005/04000/Additional_Studies_of_the_Emotional_Needs_of.6.aspx>. Acesso em 19 abr. 2021.

PRICE, E. Marion; FISHER, Keren. How does counseling help people with amputation? **Journal of Prosthetics and Orthotics**, v. 14, n. 3, p. 102-106, set. 2002. Disponível em: <https://journals.lww.com/jpojournal/Fulltext/2002/09000/How_does_Counseling_Help_People_with_Amputation_.3.aspx>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PRICE, E. Marion; FISHER, Keren. Further Study of the Emotional Needs of Amputees. **Journal of Prosthetics and Orthotics**, v. 19, n. 4, p. 106-108, out. 2007. Disponível em: <https://journals.lww.com/jpojournal/fulltext/2007/10000/Further_Study_of_the_Emotional_Needs_of_Amputees.5.aspx>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SANTANA, Maria da Glória. Áreas de silêncio e corpo diabético. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 1, p. 95-98, jan./mar. 2000.

SILVEIRA, Andréa Luiza da et al. Corporeidade e existência: notas de uma perspectiva fenomenológica sobre a condição da pessoa com deficiência física. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 30-36, jun. 2012.

SZYMANSKI, Luciana; SZYMANSKI, Heloisa; FACHIM, Felipe Luis. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Plano de Incentivo à Pesquisa Aplicada à Docência (Pipad) – PUCSP. Normalização, preparação e revisão textual: Aline Maya. **Pro-Posições** [online], Campinas, SP, v. 30, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/HN7Y9ZN/VgG79kDBbJztB5Pf/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de mar. 2022.

VERISSIMO, Danilo Saretta. A noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty: análises em torno da Fenomenologia da percepção. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 205-225, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000100012&lng=pt&rm=iso>. Acesso em: 07 mai. 2022.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Sr.(a),

Este Termo de Consentimento é um convite para participação em uma pesquisa de conclusão de curso chamada “Em busca do corpo perdido: um estudo fenomenológico sobre a corporeidade do ser-amputado”, que tem como objetivo compreender o fenômeno da amputação a partir da experiência das pessoas que o vivenciam, buscando desvelar a corporeidade do ser-amputado e evidenciar como esse corpo se expressa no mundo em sua totalidade, encontrando o corpo perdido e sua manifestação.

Sua participação não é obrigatória e sim voluntária. Se você desejar participar da pesquisa, deverá assinar duas vias iguais deste documento, de modo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

A sua colaboração acontecerá por meio de participação em entrevistas individuais, que serão gravadas em áudio para serem transcritas em momento posterior. Durante o estudo, você poderá entrar em contato com sua história de vida e suas experiências corporais, testemunhando a sua realidade como pessoa submetida à amputação e contribuindo com a promoção de saúde de outras pessoas que passam ou passarão por vivências semelhantes à sua.

Mesmo após aceitar participar, você tem o direito de sair da pesquisa a qualquer momento, basta avisar a pesquisadora. É importante que sinalize caso sinta-se mal com a participação na pesquisa, assim como não responda as perguntas ou escreva a carta se não se sentir bem. Você também poderá ser retirado do estudo se a pesquisadora avaliar que efeitos indesejáveis aconteceram ou se o estudo for interrompido.

Todas as informações coletas serão de uso exclusivo para o trabalho e sua identidade será mantida em sigilo. Você não terá gastos com a participação, assim como não receberá nenhum pagamento.

O estudo será realizado por Nathaly Moreira Araújo, estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da Professora Dr^a Luciana Szymanski Ribeiro Gomes. Sempre que for necessário algum esclarecimento, você poderá solicitar durante os encontros ou através dos contatos: (11) 95236-1254 | nathaly.m.araujo@hotmail.com.

(11) 3825-5363 | lucianaszymanski@gmail.com

Este termo pode conter palavras que você não entenda. Se for o caso, peça explicações e esclarecimentos antes de assiná-lo.

EU _____,
declaro conhecer as informações contidas neste termo e que todo o procedimento de pesquisa foi explicado satisfatoriamente, assim como minhas dúvidas foram respondidas. Confirmando também ter recebido uma via igualmente assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como voluntário(a) dou meu consentimento para participar desta pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do(a) Declarante

Prof^a. Dr^a. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes
CRP. 6/44319

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), campus Monte Alegre, está localizado no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br. Este estudo foi aprovado pelo Comitê com o registro CAAE 52838721.3.0000.5482.

ANEXO II

Trecho do quadro de análise Honda

Pergunta	Falas da entrevista	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interrogações	Impressões e concepções prévias a serem desconstruídas	Unidades de sentido	Constelações
Apresente-se. Conte-me sua história	Meu nome é Honda, né? Sempre tive uma vida bem agitada, correria mesmo, antes da amputação, antes do acidente. Uma vida corrida, não tinha tempo para... assim, só trabalhar e cuidar da casa. Não praticava esporte, não fazia nada.	Qual a sua história? Como vivia antes do acidente?	O texto traz sua identidade de mulher, que trabalhava e cuidava da casa, vivendo uma vida acelerada sem dar atenção para seu corpo e si mesma.	O convite a contar sua história é entendido por Honda como um convite a contar como vivia antes do acidente e o que levou ao acidente, já realizando contrastes entre o que não fazia e o que passa a fazer após a amputação (esporte). Tempo Kairós - tempo é trabalho (emprego e tarefas domésticas)	Uma vida corrida	Ser-amputado: corporeidade como identidade
	eu sou motoqueira há mais de 20 anos, viajava toda semana	Qual a sua história? Quem você é? Por que estava em uma moto?	Ser motoqueira como identidade.	Eu SOU motoqueira. Identidade. Anotei essa fala no diário de bordo. Ela não diz "eu era motoqueira". Independente de não estar mais pilotando, por uma limitação financeira (explicitada mais a frente) oriunda de uma limitação física (perda de perna exige que compre uma nova moto), ainda é motoqueira. Seu corpo é motoqueiro, independente do corpo físico estar em cima de uma moto. Isso está expresso em sua relação com o mundo, seus interesses, sua fala - escolhe trazer essa história, porque a constitui, poderia ter só dito que sofreu um acidente de moto, mas conta como se movimenta no mundo em suas viagens, nesses 20 anos - e em seu movimento de ir tirar sua nova habilitação. Sua abertura para as possibilidades. <u>Concepção prévia</u> : quem não tem uma perna não vai mais pilotar. Deixa de ser motoqueiro.	Ser-motoqueira: moto como extensão do corpo	Ser-amputado: corporeidade como identidade
	peguei a motinha minha, fui levar a máscara... passando num cruzamento no centro da cidade aqui onde eu moro, terminando de passar o cruzamento, veio um carro na contramão... pegou direto na minha perna. Eu mesma assim... é, não aconteceu nada a mais comigo né? não aconteceu nada, só um raladinho no outro joelho, mas a minha perna não teve... não teve salvação. Minha moto ficou inteira, não aconteceu nada. Não teve frenagem, marca de frenagem, nada.	Como você perdeu a perna? O que aconteceu com o seu corpo no acidente? O que aconteceu com a sua moto no acidente?	Um acidente, provocado pelo erro de outra pessoa, culminou na amputação de sua perna. Não houve mais nenhum ferimento, tanto em seu corpo quanto em sua moto.	Carro na contramão - sou isenta de responsabilidade, foi um acidente na minha vida. Sou corpo, não falo só da perna, falo-me como um todo - "não aconteceu nada a mais comigo". Moto como extensão do corpo, faz parte de mim. Não precisaria dizer sobre o estado da moto após o acidente se ela não me constituisse, o meu ser-moto(queira).	Ser-motoqueira: moto como extensão do corpo	Ser-amputado: corporeidade como identidade

ANEXO III

Quadro comparativo de unidades de sentido Honda e Carlitos

Tema	Honda	Unidade de Sentido	Carlitos	Unidade de Sentido	Constelação
Causa da amputação	Acidente	A gente não é lagartixa	Doença	Foi um descuido meu, mas eu não sabia	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Culpa e responsabilidade	Por causa de 30 reais; voltaria no tempo	A gente não é lagartixa	Não vi meu corpo; erros; responsabilid.	Foi um descuido meu, mas eu não sabia	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Gênero	Trabalho, cuidado da casa, corpo feminino	A gente não é lagartixa	-	-	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Cronologia do sujeito	Vida corrida	Uma vida corrida	Ordenação "não lógica" da narrativa	Foi um descuido meu, mas eu não sabia	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Aceitação		A gente não é lagartixa		Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Sofrimento	Verbalizado Negação (pesadelo), Choro, autoimagem Querer voltar a vida que tinha antes	A gente não é lagartixa	Sofrimento verbalizado em relação ao período anterior à amputação Período pós amputação tem o sofrimento encoberto Preconceito, dificuldade de sair de casa, conflitos quanto à dependência da mãe	Vamo amputá, beleza Quando alguém vem me amputá alguma coisa	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Moto	Identidade, extensão do corpo	Ser-motoqueira: moto como extensão do corpo	-	-	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Dor	Dor fantasma	Meu pé tá aqui	Dor coluna	Me falaram que eu vou receber uma prótese Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Corpo sensciente	Enfaixamento	Meu pé tá aqui	A rua tá diferente	Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Membro fantasma	Meu pé tá aqui	Meu pé tá aqui	Membro estranho - coto	Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Prótese	Adora	Eu adoro a minha prótese	Demora, dor, inadaptação, quebrada	Me falaram que eu vou receber uma prótese	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Projeto de futuro	Moto + esporte	Eu vou ver no que vai dar	Trabalho + formação	Trabalhar trabalhar trabalhar	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Trabalho	Passado/esporte	Eu vou ver no que vai dar	Identidade	Trabalhar trabalhar trabalhar	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Esporte	Lazer/cuidado pessoal + trabalho	Eu vou ver no que vai dar	Lazer/cuidado pessoal	Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Limitações	ladeiras, moto	A gente não é lagartixa	Ladeiras, escadas, andar na rua, andar sem prótese	Vamo amputá, beleza	Ser-amputado: corporeidade como identidade
Recuperação	Rápida, apoio - motivação viver	Uma vida corrida A gente não é lagartixa Mas eu sempre tive... apoio	Experiências importantes no hospital, demorada - motivação viver Recuperação fora do hospital + difícil	Vamo amputá, beleza Você não fica sozinho ali	Ser-amputado: corporeidade como identidade Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado
Profissionais	Prótese ok, clínica ok	Mas eu sempre tive... apoio	Crítica aos serviços públicos, função da psicologia, fisioterapia	Quando alguém vem me amputá alguma coisa Você não fica sozinho ali	Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado
Saber médico	Sabe o que é melhor para mim	Mas eu sempre tive... apoio	Não sabe o que está acontecendo comigo	Foi um descuido meu, mas eu não sabia Você não fica sozinho ali	Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado
Preconceito	-	-	Diplomacia, olhares, valores, precariedade dos serviços públicos	Quando alguém vem me amputá alguma coisa	Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado
Relações pessoais	Filho, marido e nora - apoio Outras pessoas amputadas - apoio outros familiares - atrapalharam	Mas eu sempre tive... apoio	Mãe - cuidado em rede, mas também traz o lado oposto da vontade de independência/autonomia Amigos e hospital	Você não fica sozinho ali	Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado
Criança	Medo	Mas eu sempre tive... apoio A gente não é lagartixa	Incentivo	Vamo amputá, beleza	Ser-corpo-com-o-outro: relações de cuidado